

**UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY
DIRECCIÓN DE POSTGRADOS**



EDILY AZEVÊDO NASCIMENTO

UMA PEDAGOGIA COMPLEXA NO PEQUENO PRÍNCIPE

**Asunción - Paraguay
2015**

EDILY AZEVÊDO NASCIMENTO

UMA PEDAGOGIA COMPLEXA NO PEQUENO PRÍNCIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Postgrado da Universidad Evangélica del Paraguay - UEP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Dr. Carlos Ibañez Morino

**Asunción - Paraguay
2015**

MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
A COMISSÃO ABAIXO ASSINADA APROVA A DISSERTAÇÃO:

UMA PEDAGOGIA COMPLEXA NO PEQUENO PRÍNCIPE

EDILY AZEVÊDO NASCIMENTO

COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Prof. Dr. Carlos Ibañez Morino

ORIENTADOR

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Ms. Genaro Ruiz Dias Benitez

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Prof. Dr. Pedro Carreras Carmona (Integrante)

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Prof. Dr. Dionizio Ortiz

UNIVERSIDAD EVANGÉLICA DEL PARAGUAY

Asunción - Paraguay
2015

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um ato de gratidão. Desde pequena fui ensinada por minha família a agradecer. Agradecer a Deus, Mestre de infinita bondade e misericórdia, que me concedeu a reencarnação como chance de reparação e de amor. Obrigada, Senhor do Universo por me amar, mesmo por diversas vezes não merecendo; obrigada, por não desistir de mim. Obrigada, por ter me trazido de volta à vida, depois de um longo período de expiação com o CA (câncer). Obrigada, por me fazer abrir os olhos e acreditar que sou capaz de me reerguer como a Fênix renascida das cinzas. Obrigada, por me dar à chance de ver minha filha crescer e se tornar uma mulher de bem e de ver minha mãe e meu marido terem orgulho de mim com esse mestrado. Renderei graças e glórias a Ti, Pai, pois sou grata por ter me dado resiliência diante das intempéries da vida.

Agradeço a minha mãe, Lídia, que sempre acreditou em mim; que sempre me impulsionou a sair da minha ostra e partir para voos mais longos e mais promissores. Obrigada, mãe, por me amar, por se doar a mim todos esses anos, por ser exemplo de fé, força e profissionalismo. Amor incondicional aprendi contigo!

Agradeço a minha filha, Gabrielle. Foi por ela que voltei a viver. Foi por ela que escrevi essa dissertação. É por você e para você, minha princesa, que dedico esse Mestrado. Seus sonhos também são meus sonhos. Partilhamos juntas “O Pequeno Príncipe” que há em nós. Obrigada, por você existir em minha vida e me dá a luz necessária para viver!

Agradeço ao meu esposo e amor, Euclides Neto, que me amou quando eu mais precisei mesmo eu “carequinha”. Você me mostrou que o amor é paciente, é benigno, é doação em quaisquer circunstâncias. Você não desistiu de nós. Lutou até o fim. Esse Mestrado é para brindarmos o nosso amor, assim como o amor do Pequeno Príncipe pela Rosa. Amo você!

Agradeço aos meus familiares (tios(as), primos(as) e afilhados(as)) que nutrem por mim um amor e uma admiração que me engrandecem enquanto ser humano. Muitas vezes me fiz ausente por me trancafiar no quarto, em meio à música clássica, para escrever, escrever, escrever. Quantas confraternizações em família deixei de participar, entretanto, sabia que vocês torciam e emanavam todas as energias puras e positivas para mim. Em especial, às minhas tias Graça, Lúcia, Sônia e Ana, exemplos de bravas e guerreiras mulheres, incansáveis na luta do

viver. Ao meu pai, Vado e ao meu pai postiço Beto, que sempre nutriram por mim carinho e amor. Com vocês, família, sei o que é criar laços! Obrigada!

Agradeço aos meus amigos, em especial, Poliana Simas, Maurício Santana, Berenice Vidal, Gardênia Roseira, Jussimeia Santos e Ednalva Rodrigues. Vocês foram parte de mim nessa jornada. Obrigada!

Agradeço aos meus colegas de trabalho, meu carinho especial, e meus colegas da doutrina espírita que aguentaram por vezes minha ausência para que eu tivesse tempo para escrever, compreendendo essa passagem. Obrigada!

Agradeço ao meu querido Professor Orientador Dr. Carlos Ibañez Morino que desde o primeiro encontro acreditou no nosso Pequeno Príncipe. Vários foram os momentos que sonhei com suas palavras de incentivo e correção. “Vamos Edily, você vai conseguir”. “Você tem uma preciosidade nas mãos”. O senhor ficará para sempre em meu coração. O senhor me ensinou a pensar de forma complexa junto com Morin e por vezes foi a Raposa do Pequeno Príncipe. Obrigada, mestre!

Agradeço aos mestres que me construíram. Todos. Desde a educação infantil ao mestrado. Em especial a minha alfabetizadora Tia Graça, as Professoras Rita Nogueira e Maristela Guimarães, espelhos da minha docência. Obrigada!

Agradeço ao mestre Edgar Morin que me despertou das amarras da ignorância de um pensamento hermético e fragmentado para um pensamento complexo e multidimensional. Obrigada!

Agradeço *in memoria* a Saint-Exupéry e sua maestria em ser artesão das palavras com tamanha poeticidade. Obrigada!

Agradeço as minhas duas escolas de coração: Escola Durval Libânio e Colégio Estadual Polivalente, que são os meus segundos lares e que me fazem ser melhor do que ontem em busca do melhor para o amanhã. Obrigada!

E por fim, não menos importante, ao contrário, aos meus alunos e alunas, sem exceção, a todos e a todas que passaram e que passam em minha vida de docente e que me ensinaram e ensinam o que é CATIVAR, a minha eterna gratidão. Hoje, não sou mais a Edily de anos atrás. Sou a professora que a cada amanhecer tem a certeza de ter feito a escolha certa. Eu amo o que faço e faço por vocês que são a extensão do meu viver profissional e que hoje compreendo claramente o sentido do pensamento complexo. Muito obrigada!

Sou grata por hoje findar mais um ciclo da minha vida de professora e de ser humano, cidadã do universo! Muita paz!

RESUMO

A dissertação aventura-se numa das obras de Antoine de Saint-Exupéry, mais conhecidas mundialmente, O Pequeno Príncipe, a fim de evidenciar e questionar as dimensões do homem com o intuito de relacioná-las com o pensamento complexo de Edgar Morin. Através de uma leitura pedagógica pautada numa educação complexa, esse texto é uma reflexão aos educadores que estejam dispostos a voar para os desertos da educação, refletindo acerca da integralidade do ser humano numa definição aberta de homem, no que se refere às ponderações sobre a necessidade de uma visão transdisciplinar. Fomenta o desejo de mudança em face da fragmentação do conhecimento científico e da incitação desenfreada da competitividade e do individualismo. Esse texto tem o intuito de identificar no Pequeno Príncipe aspectos da Pedagogia Complexa de Morin, sua compreensão acerca do humano e como esta pode contribuir para a ideia de educação do futuro. Nessa jornada, escolhi O Pequeno Príncipe por se tratar de uma obra atemporal, marcada pela poeticidade e pelo caráter pedagógico em sua riqueza de metáforas e interpretações. Ao reler esta obra, percebi um voo mais profundo nas palavras de Antoine, de natureza ética e pedagógica e que se casam em perfeita harmonia com as ideias preconizadas por Morin e seu pensamento complexo. Um *an passant* foi realizado em obras de Morin, Mathias Jung e Maria da Conceição de Almeida, numa revisão bibliográfica, promovendo uma troca de informações entre a literatura e a pedagogia para a educação do futuro e a integralidade do ser.

Palavras-chave: Literatura. Antoine de Saint Exupery. Educação. Complexidade. Edgar Morin.

ABSTRACT

The Adventures dissertation in one of the works of Antoine de Saint-Exupéry, better known worldwide, *The Little Prince*, in order to highlight and question the man's dimensions in order to relate them to the complex thought of Edgar Morin. Through a pedagogical reading guided a complex education, this text is a reflection educators who are willing to fly to the deserts of education, reflecting on the integrity of the human being in an open definition of man, as regards the weights on the need a transdisciplinary vision. Fosters the desire for change in the face of fragmentation of scientific knowledge and the unbridled incitement competitiveness and individualism. This text aims to identify aspects of the Little Prince Complex Pedagogy Morin, his understanding about human and how it can contribute to the future of education idea. In this journey, I chose *The Little Prince* because it is a timeless work, marked by the poetic and the pedagogical nature in its wealth of metaphors and interpretations. Rereading this work, I realized a deeper flight in Antoine words, ethical and pedagogical and who marry in perfect harmony with the ideas advocated by Morin and his complex thinking. An Angel passant was performed in works by Morin, Mathias Jung and Maria da Conceição de Almeida, a literature review, promoting an exchange of information between literature and pedagogy for the future education and wholeness of being.

Keywords: Literature. Antoine de Saint Exupery. Education. Edgar Morin.

RESUMEN

La disertación de aventuras en una de las obras de Antoine de Saint-Exupéry, más conocido en todo el mundo, El Principito, con el fin de resaltar y cuestionar las dimensiones del hombre con el fin de relacionarlos con el pensamiento complejo de Edgar Morin. A través de una lectura pedagógica guió una educación compleja, este texto es una reflexión educadores que están dispuestos a viajar a los desiertos de la educación, la reflexión sobre la integridad del ser humano en una definición abierta del hombre, en cuanto a los pesos en la necesidad una visión transdisciplinaria. Fomenta el deseo de cambio en la cara de la fragmentación del conocimiento científico y la competitividad incitación desenfrenada y el individualismo. Este texto tiene como objetivo identificar los aspectos de la Pedagogía Complejo Principito Morin, su comprensión acerca humana y cómo puede contribuir al futuro de la idea de la educación. En este viaje, elegí El Principito porque es una obra atemporal, marcado por la poética y la naturaleza pedagógica en su riqueza de metáforas e interpretaciones. Releyendo este trabajo, me di cuenta de un vuelo más profundo en las palabras de Antoine, ético y pedagógico y que se casan en perfecta armonía con las ideas defendidas por Morin y su pensamiento complejo. Un passant Ángel se llevó a cabo en las obras de Morin, Mathias Jung y Maria da Conceição de Almeida, una revisión de la literatura, la promoción de un intercambio de información entre la literatura y la pedagogía para la educación futura y la plenitud del ser.

Palabras clave: Literatura . Antoine de Saint Exupery . Educación. Complejidad . Edgar Morin

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Aquarela Pequeno Príncipe

Imagem 2 - Antoine de Saint-Exupéry

Imagem 3 - Edgar Morin

Imagem 4 - Antoine de Saint – Exupéry

Imagem 5 - Mapa conceitual I

Imagem 6 - Mapa conceitual II

Imagem 7 - Mapa conceitual III

Sumário

AS PRIMEIRAS LIÇÕES.....	9
ANTOINE DE SAINT EXUPERY EM PROSA	30
O ENCONTRO: O PEQUENO PRÍNCIPE E EDGAR MORIN	444
CARTA PARA O PEQUENO PRÍNCIPE: O FIM É O COMEÇO	64
REFERÊNCIAS.....	71

Imagem 1 - Aquarela Pequeno Príncipe



FONTE: Livro - O Pequeno Príncipe, 2009

AS PRIMEIRAS LIÇÕES

Era uma vez... Assim começam as histórias que marcaram as nossas vidas. Lá por volta dos anos 80 recebi de minha mãe um livro com uma capa desinteressante para meus olhos de gazela. Mas é preciso começar do começo, numa redundância explícita para a minha jornada literária e de como meu encontro com a literatura mudou a minha vida.

Era uma vez uma menininha franzina e, como quase todas as meninas de sua época, gostava de brincar de princesa, de inventar mundos imaginários, de dar aulas para as bonecas, com direito a bonecos feitos de verduras e frutas, de viver um mundo feliz e colorido. Todavia, esse mundo não condizia com a realidade vivida por esta menininha. Minha mãe teve uma infância difícil. No ano de 1948, aos três dias do mês de agosto, nasceu à segunda filha de sete filhos, a menina Maria Lídia Azevêdo. Batizada com o nome de sua mãe, Lídia, pois nascera no mesmo dia que esta, e ainda fora presenteada com o nome da mãe do Cristo: Maria.

Cresceu numa fazenda pertencente a um coronel da época, na antiga Gandu. Seu pai foi dono de um armazém de secos e molhados, homem distinto, querido por todos, pai rígido, esposo dedicado, de média estatura, mas de uma grandiosidade

que não lhe cabia no coração. Sempre fora muito comunicativo, generoso e nunca teve nada nas mãos. Dona Lídia, sua mãe, parecia uma *lady*, traços finos, delicados, nem parecia que habitava em meio a tropeiros e roceiros. Ambos não tinham muita instrução, mas foi só olhar os livros de receitas de minha avó que compreendi a terna dedicação ao mundo das letras e ouvir os depoimentos dos mais antigos sobre a figura do meu avô sobre seu poder de persuasão e desembaraço com o mundo das palavras. Nos meados de 50, ele fora nomeado “delegado” do distrito de Gandu, pertencente ao município de Ituberá, Bahia.

Minha mãe, Maria Lídia, aquela menininha franzina, desde pequena mostrou-se inteligente e dada a um comportamento meio recatado, observadora, como se seu mundo fossem dois: a dura realidade da vida em uma fazenda, ajudando nas lidas da casa e um mundo paralelo da infância idealizada em sua imaginação através dos livros e das histórias contadas pelos seus antepassados e pelos trabalhadores rurais, e como em toda fazenda, essas histórias eram de terror como a Mula sem cabeça, Curupira, Saci, o que era tão comum nas roças de cacau.

O acesso aos livros ainda era muito raro, somente em ocasiões especiais como a vinda dos donos da fazenda de passeios pela capital é que podiam visualizar alguns livros na biblioteca particular do Coronel Niomísio Lisboa. Apenas visualizar os livros empilhadinhos na estante. Não podiam manuseá-los. Pertenciam aos que detinham o poder e o saber. Minha mãe era simplesmente a filha do empregado.

Naquela época, as crianças eram mandadas para a escola por volta de seus seis, sete anos. A aquisição da leitura e da escrita se dava tardiamente numa abordagem tradicional, uma vez que o aluno era tido como um adulto em miniatura, figurando como um receptor passivo e que receberá, progressivamente, imagens e informações fornecidas pelo ambiente na figura do professor.

O processo de alfabetização de minha mãe foi um tanto doloroso, além de ter ido à escola com sete anos pela primeira vez, nutriu um medo exacerbado da professora de grandes olhos verdes, que tinha unhas vermelhas enormes e uma aparência de bruxa. Por diversas vezes ao errar a lição foi dolorosamente penalizada com a palmatória.

Com um bloqueio emocional causado pelo medo e pela repressão, coube à vovó Lídia ensinar a minha mãe o ABC, decorado e salteado, utilizando-se de um

papel de pão furado para tomar a lição. Mas eram os livros e as histórias que contavam que causavam um rebuliço interior naquela menina que agora detinha as letras.

Daí para frente deslanchou no mundo da leitura. Foi quando a família mudou-se da fazenda para a cidade. A vendinha do meu avô fechara e ele se viu impulsionado a tentar a vida no distrito de Gandu. Juntos eles abriram uma pensão e muitos viajantes por lá aportavam para descanso. Mamãe era o braço forte nos trabalhos domésticos e nos cuidados com os irmãos mais novos.

Já no ginásio o que a levou a mergulhar na literatura foi sua professora de português com os livros de Monteiro Lobato e os romances de Machado de Assis. Quando sua irmã mais velha chegava do Colégio, onde estudava em regime de internato na capital baiana, trazia livros emprestados, lendo-os por horas a fio, despertando-lhe a curiosidade de saber o que a interessava tanto naquelas histórias. Após sua irmã terminar de ler, ela os lia escondido, vivendo cada momento, tecendo viagens e sonhos em sua imaginação, regados a luz da lamparina ou debaixo das goiabeiras no quintal. Não conseguia parar de ler, lia até os rótulos dos produtos alimentícios, a leitura não mais cabia em seu mundo.

Após a conclusão do antigo ginásio fez o teste de admissão para ingressar no Magistério. Só que naquele tempo teve que estudar em Salvador e por lá se formou em professora. Influenciada pela professora de Literatura Infantil conheceu os irmãos Grimm e Andersen, Maurice Duroy e Saint Exupéry. Na casa onde se hospedou em Salvador, leu “O Tesouro da Juventude” e semanalmente a revista “O Cruzeiro”, além de ser apaixonada pelo cinema. Depois de concluir o Magistério, as leituras de bons livros, as audições de boas músicas, assistir aos bons filmes, continuaram ao longo da sua carreira como Professora de Língua Portuguesa.

Herança passada de mãe para filha? Talvez. Minha vida na Literatura não poderia ser narrada sem que antes se conhecesse a paixão de minha genitora pelas Artes. E não só foi a influência em casa. Mais tarde nosso encontro seria decisivo para a minha escolha profissional. Vejamos.

Nasci no dia 26 de junho do ano bissexto de 1976. Mês das festas de São João. Mês de um inverno rigoroso, mas da alegria dos folguedos juninos. Naquele ano ocorria uma miscelânea de transformações sociais. O mundo assistia a realização dos Jogos Olímpicos de Montreal no Canadá. Fundação da empresa que

seria o gigante da computação nas décadas vindouras: a Apple. Margareth Thatcher tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Primeira Ministra Britânica da história. A sonda americana Viking I pousou em Marte. A formação da banda U2, em Dublin na Irlanda, coincidentemente ou não, minha banda predileta. O Brasil foi abalado com a morte prematura do Presidente Juscelino Kubitschek. Na TV brasileira estreavam as novelas Saramandaia, Estúpido Cupido e a célebre Escrava Isaura.

Fui muito desejada por meus pais. Minha mãe, Maria Lídia, teve dificuldades em engravidar e partiu para fazer tratamento na capital baiana. Com muito amor vim ao mundo. Cresci em meio a livros e mais livros. Vida de filha de professora. Assim foi a minha infância. cedo descobri o mundo das letras na minha eterna e querida Escola Durval Libânio, onde tive uma exímia educação e um processo de alfabetização encantador. Até hoje me lembro com carinho da Casinha Feliz, método que encantava crianças e adultos e que infelizmente foi criticado por muitos teóricos. Serviu demais para mim e para as crianças da minha época, talvez por ter sido realizado com tanto amor e dedicação pela querida Tia Graça, nossa alfabetizadora.

Nesse universo, desvendei livros com uma precocidade incrível. Aprendi a ler ainda com quatro anos. Eu sabia que era exatamente neles que me encontrava, sabia que era exatamente nas palavras que meu mundo crescia e que eu crescia dentro de mim. Essa descoberta incentivou a minha imaginação, que sempre fora muito fértil, e com isso, meu poder criativo.

Na infância tive na casa da minha avó materna, Lídia, meu universo lúdico favorito. Numa espécie de porão, eu e minhas primas colocávamos em prática as histórias lidas e concretizávamos nossos sonhos de princesas, professoras, mães que cozinhavam e contavam estórias para seus filhos. Lembranças alegres de uma infância feliz. O Sítio do Picapau Amarelo de Monteiro Lobato encantava o Brasil e permeava nossos sonhos pueris no quintal de Vó Lídia que mais parecia nosso quartel encantado. Era proibida a entrada de adultos naquele mundo de magia e criatividade.

Meus aniversários sempre foram repletos de livros dados como presentes. Aos 10 anos recebi de presente de minha mãe, um livro “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint Exupéry. A princípio não me interessei pela obra por conta da capa estranha. Mas ao abrir o livro folhei-o com uma calma oriental. Todavia, não

consegui compreender com meus olhos de gazela a dinâmica daquela estória. Queria uma estória como todas as outras: com começo, meio e fim. Não foi amor à primeira vista.

Depois de anos, já jovem tornei a ler aquele livro a pedido de uma professora de literatura. Foi amor à segunda vista. Talvez pelo fato de que amadureci junto com o amadurecimento do Pequeno Príncipe em sua viagem. Aos 10 anos não conseguia entender nem contemplar aquela obra por sua complexidade metafórica. A bagagem filosófica e existencial daquela obra vai além das histórias infantis. No mundo dos adultos as histórias para crianças eram contos de fadas. O Pequeno Príncipe foge à regra.

Encantei-me com aquela intrigante ilustração da jiboia que engoliu o elefante. Desbravei as páginas como o protagonista desbravou os planetinhas pelos quais atravessou. A curiosidade do protagonista e suas reflexões diante do mundo dos adultos cravaram em mim uma simbiose com a minha personalidade adolescente.

O Pequeno Príncipe é a história da crise e da libertação do ser humano (JUNG, 2009, 21). Na época, pensei em escrever para o Pequeno Príncipe, mas os adultos me diziam que como iria escrever para alguém que morreu no final da estória? Ao menos se a personagem tivesse vivido? Tive a alma profundamente ferida. Foi a primeira vez que me apaixonei pelo menino de cachos de ouro. Descobri o que era “cativar” e descobri o que era o mundo dos adultos “castração de sonhos”. E foi exatamente assim que meus olhos de gazela se depararam com aquelas primeiras páginas.

A León Werth

Peço perdão às crianças por dedicar este livro a uma pessoa grande. Tenho um bom motivo: essa pessoa grande é o melhor amigo que possuo. Tenho outro motivo: essa pessoa grande é capaz de compreender todas as coisas, até mesmo os livros de criança. Tenho ainda um terceiro motivo: essa pessoa grande mora na França e ela tem fome e frio. Ela precisa de consolo. Se todos esses motivos não bastam, eu dedico então este livro à criança que essa pessoa grande já foi. Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso, Corrijo, portanto, a dedicatória:

A León Werth

quando ele era criança

Esta dedicatória que ora abre uma das obras mais lidas pelo mundo inteiro, nos coloca diante de um presente literário capaz de abrigar o sentimento profundo da amizade e nos iluminar com as parábolas sobre a plenitude humana.

A história do Pequeno Príncipe nasceu de uma linda amizade entre dois homens e que pelas distâncias entre os continentes e as guerras tiveram que se separar. Seu grande amigo Léon Werth, era judeu e encontrava-se refugiado num esconderijo de um pequeno vilarejo francês. Todas as intempéries estavam a seu favor: fome, frio, privações de toda sorte, perseguição, morte pelo exército de Hitler.

Quando Antoine foi para a América deixou para trás família e amigos, o que massacrou seu coração. Para tanto, decidiu tirar aquele bonequinho dos guardanapos rabiscados e mostrá-lo ao mundo inteiro como homenagem ao amigo francês que imaginava que não mais veria. Essa dedicatória anuncia o brinde a essa amizade sincera. Assim, nasceu o Pequeno Príncipe.

O livro é repleto de ilustrações do próprio autor em aquarela que poderiam ter sido desenhadas por uma criança, já que tem uma atmosfera completamente pueril. A história é dividida em 27 capítulos e 93 páginas.

Logo nas primeiras páginas, o narrador nos remete à sua infância quando conta que aos seis anos viu num livro sobre a Floresta Virgem, uma gravura que o intrigou. Uma jiboia engolindo um animal. Aquele livro explicava detalhadamente como ocorria a deglutição da jiboia com suas presas. Essa história o fez refletir sobre os mistérios que cercavam a selva e foi aí que o desenho da jiboia que engoliu um elefante nasceu.

Todavia, os adultos quando questionados acerca daquela gravura não se mostravam entendedores de jiboias engolindo elefantes. Viram apenas um chapéu. As pessoas adultas nem sempre enxergam como as crianças. A necessidade de explicar pormenorizadamente é recorrente nas pessoas adultas, afirma o narrador.

As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando... (EXUPÉRY, 2009, p. 8).

Foi exatamente nessa frustração que o narrador nos conta que se tornara um piloto e que a geografia fora muito útil em suas jornadas pelos ares do globo terrestre. Sempre guardava consigo aquele desenho com a esperança de que um dia as pessoas grandes enxergassem sua jiboia engolindo um elefante. Sua solidão é expressa nesse afastamento da imaginação e da criatividade das pessoas adultas. Não se encaixava nelas, a não ser em assuntos como bridge, golfe, política, gravatas.

No capítulo II, o narrador conta, em primeira pessoa, a história de como sofreu um acidente de avião e ficou preso no deserto por dias. No segundo dia no deserto o piloto encontrou um menino, lindo como um príncipe, cabelos cor de ouro como o sol, voz suave e doce como uma canção, tez alva como a nuvem, mas que não parecia perdido em meio às areias escaldantes daquele deserto.

Contudo, todas as agruras humanas a que um deserto submete quem nele se encontra, não atingiram o menininho que se mostrou ávido para estabelecer laços solicitando que desenhasse para ele um carneiro. Aquela visão mais parecia uma miragem. Mas não. Aquele menininho era real. E insistiu para que o piloto desenhasse um carneiro. Sua insistência fez com que ele desenhasse a jiboia com o elefante e para seu espanto, o menino decifrou - Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço. Tudo é pequeno onde eu moro. Preciso é de um carneiro. Desenha-me um carneiro. (EXUPÉRY, 2009, p. 12).

E assim se sucederam vários carneiros até chegar a uma caixa com umas aberturas para o suposto carneirinho respirar. Logo, nasceu a amizade entre o piloto e o Pequeno Príncipe. Os dois começaram a conversar e o menininho revelou que, na verdade, veio de um planeta muito pequenino e muito distante da Terra, em busca de novas descobertas e amizades.

A cada dia os dois se conheciam mais e mais. Uma linda amizade estava se formando. E o homem recordava-se de si mesmo em sua infância. O desejo de se reencontrar pulsava com o Pequeno Príncipe.

Foi então que o piloto conhecera a história do asteroide B 612, a casa do Pequeno Príncipe. Ele lhe contou o porquê de ter saído do seu planetinha e porque precisava de um carneiro. Isso porque, nele havia uma árvore, o baobá, que crescia bastante. Portanto, o carneiro era importante para que pudesse comer os baobás

como sua alimentação, ainda quando estavam pequenos. Daí os baobás não cresceriam.

- É uma questão de disciplina – disse mais tarde o príncipezinho. – Quando a gente acaba a higiene matinal, começa a fazer com cuidado a higiene do planeta. É preciso que nos habituemos a arrancar regularmente os baobás logo que se diferenciem das roseiras, com as quais muito se parecem quando pequenos. É um trabalho sem graça, mas de fácil execução. (EXUPÉRY, 2009, p. 22).

E então o narrador foi convencido pela persuasão do Pequeno Príncipe de que os baobás eram realmente nocivos.

No capítulo VI, a compreensão da triste vida do garotinho já estava chegando aos poucos. O pôr do sol era seu único entretenimento naquele planeta tão minúsculo. Já no capítulo VII, revelou-se finalmente a grande personagem na vida do Pequeno Príncipe: a rosa. Em meio a questionamentos sobre os espinhos, o narrador descobre que aquela flor era única para o pequenino. Ao mesmo tempo, em suas reflexões sobre a rosa, o piloto viu o pequeno ser chorar em sua puerilidade acreditando que a mesma corria perigo porque o carneirinho poderia ceifá-la em um só golpe. Foi a primeira vez que sentiu por aquele pequeno ser uma ternura incontrolável, tomando-lhe nos braços e acalentando seu choro e enxugando suas lágrimas.

Assim, seguiram-se as histórias em torno da rosa. Aquela flor realmente era especial para ele. Encantado, inebriado, o príncipezinho se viu atordoado pela vaidade desenfreada da rosa. Ela sabia como manipulá-lo.

- À noite me colocarás sob uma redoma de vidro. Faz muito frio no teu planeta. Não é nada confortável. De onde eu venho... De repente, calou-se. Viera em forma de semente. Não pudera conhecer nada dos outros mundos. Encabulada por ter sido surpreendida em uma mentira tão tola, tossiu duas ou três vezes e, para fazê-lo sentir-se culpado, pediu: - E o para-vento? – Ia buscá-lo. Mas tu me falavas... Então ela forçou a tosse para causar-lhe remorso. (EXUPÉRY, 2009, p. 30,31).

A dúvida da reciprocidade do amor da rosa por ele começou a pairar. E a infelicidade começou a tomar conta do príncipezinho. Entretanto, seu amor era grande, mal cabia em seu coração, e, percebeu que não deveria tê-la abandonado.

No dia do adeus, narrado no capítulo IX, o Pequeno Príncipe arrumou tudo para sua partida. Regou pela última vez a sua rosa e colocou a redoma que tanto ela

pediu. Sentiu vontade de chorar. A rosa percebendo tudo não quis a redoma afirmando que precisava suportar o que viesse pela frente, já que tinha seus espinhos para se defender. Como era orgulhosa demais para que fosse revelado seu choro, engoliu-o secamente e não deixou transparecer sua fragilidade. Mas o adeus era necessário e o príncipezinho partiu numa migração de pássaros selvagens.

A viagem só estava apenas começando... Inicia-se assim, uma espécie de representação figurativa de um percurso cósmico. No capítulo X, a primeira parada foi no asteroide 325, onde um rei era o único comandante daquela nave de onde pensava que todas as outras pessoas eram seus súditos. Seu desejo incontrolável de comandar tudo e todos assustou o príncipezinho. Mas quem aquele rei governava? Um rei sozinho. Foi isso que o Pequeno Príncipe encontrou no asteroide 325. Então partiu.

No asteroide 326 ele se deparou com um vaidoso, uma metáfora de Narciso, admirador incondicional de si mesmo. Outro ser sozinho na monotonia daquele estranho “admirar”. Cada vez mais o príncipezinho se questionava por que as pessoas grandes eram tão estranhas. E resolveu partir.

Pousando no asteroide 327, encontrou um bêbado. Essa visita foi curta e não agradou ao pequeno que mergulhou numa imensa tristeza. O bêbado também era só e vivia a beber para esquecer que era um bêbado. Que estranho aquilo tudo parecia para nosso Príncipe. Seguiu viagem.

A próxima rota foi no asteroide 328 onde morava um empresário que estava tão entretido com seus negócios e suas contas, números e mais números, que não tinha nem espaço para o devaneio, o sonho, a imaginação. “Esse aí”, disse o príncipezinho para si mesmo, “raciocina um pouco como o bêbado”. Não havia utilidade naquele serviço. E resolveu partir de novo, sem antes afirmar “As pessoas grandes são mesmo extraordinárias”.

No capítulo XIV, ocorreu que o quinto asteroide, o 328, era para ele bem diferente dos outros. O menor de todos, tendo apenas espaço para um lampião e para um homem – o acendedor de lampiões.

“Esse aí”, pensou o príncipezinho, ao prosseguir a viagem para mais longe, “esse aí seria desprezado por todos os outros, o rei, o vaidoso, o beberrão, o empresário. No entanto, é o único que não me

parece ridículo. Talvez porque é o único que não se ocupa de outra coisa que não seja ele próprio.” (EXUPÉRY, 2009, p. 50).

Voou para um novo planeta, o 329, o maior de todos que já vira. Um velho que escrevia livros era o único habitante com livros que faziam jus ao tamanho do planeta. Era um geógrafo. E foi através do diálogo travado entre eles que o pequenino descobriu o significado da palavra “efêmera” e se viu diante do remorso que o preenchia em ter deixado para trás sua rosa, porque ela, segundo aquele geógrafo, era efêmera. No entanto, esse remorso foi passageiro e pediu sugestão aquele homem sobre que planeta visitaria. Partiu em busca do planeta azul, mas seguiu pensando na rosa.

Finalmente, no capítulo XVI, o sétimo planeta: a Terra. E é nesse momento que ele se confronta com o indizível. Uma parábola do pensamento complexo instaura-se no Pequeno Príncipe, através da Raposa e da morte “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Nesse capítulo me deleitei no encontro com a minha criança interior sufocada pelo mundo dos adultos. Reservome aqui uma pausa para mais tarde tratar desse encontro.

Então cresci e por um tempo adormeceu o Pequeno Príncipe em mim. E em meio a estórias e histórias queria ser bailarina, mas também queria ser professora, mas também queria ser dentista... Todas as escolhas baseadas em obras literárias que permeavam minha vida. Coisas demais para quem já sabia o que devia seguir: O Magistério. Ainda na infância, mamãe sempre me encontrava dando aulas para as bonecas.

E o tempo passou... A Língua Portuguesa e a Literatura sempre me fascinaram. Encontrei-me com a Literatura Clássica nas aulas de Português, no antigo Colégio Cenecista Castro Alves, em Gandu. Minha mãe foi a minha professora de português. Exímia na língua padrão, rígida na escrita, postura exemplar, de uma elegância, nunca levantou a voz para nenhum aluno seu, porém seu olhar e seu manejo com a linguagem fazia qualquer um de nós admirá-la, obedecê-la e respeitá-la. Constatei que o meu mundo da infância poderia ser bastante prazeroso na missão de ensinar às pessoas o poder criativo da palavra. Monteiro Lobato, José de Alencar, Clarice Lispector, Jorge Amado e o “bruxo” da literatura brasileira, Machado de Assis, foram os responsáveis pela minha escolha enquanto docente, para que me fosse permitido ir além da ironia das palavras,

ensinar a ler e a escrever, fazer com que as crianças e adolescentes desenvolvessem a capacidade de trafegar pelo mundo da leitura e da escrita, como leitores e produtores de textos proficientes.

A aquisição e o desenvolvimento dessas competências demandam processos de aprendizagem bastante complexos, requerendo, portanto, um investimento contínuo no processo de escolarização. É mister que as ciências da linguagem vêm ensinando que um texto não é um amontoado de palavras, uma colcha de retalhos, nem mesmo um pacote fechado, hermético, de sentidos prontos e acabados e nem simplesmente um amontoado de frases e palavras regidas por boas normas de ortografia, concordância, regência e pontuação.

A construção/recepção de um texto (enquanto discurso) implica conhecer, além de um código linguístico específico (a Língua Portuguesa, seus recursos gramaticais, seu léxico), o mundo que rodeia o produtor (o legado da herança e da experiência cultural), as pessoas com quem se interage e as situações específicas dessas interações. Portanto, todas as práticas educativas devem ser práticas de linguagem.

Terminando o Magistério fui logo empregada na escola que tinha estudado durante a infância. Que prazer e que responsabilidade! Recebi um desafio que era de fundar e lecionar para a primeira turma de Maternal da Escola Durval Libânio, isso no ano de 1994.

Os pequeninos do Maternal foram figuras importantíssimas para ampliar meu olhar sobre a infância e para imergir de vez na Literatura. As histórias eram dramatizadas por mim, os olhinhos das crianças brilhavam cada vez que uma voz era mudada a fim de imitar um personagem, inclusive o Pequeno Príncipe. A hora da história era sagrada naquele espaço mágico da aula. Mais tarde, assumi a turma da antiga 4ª série. Conheci outros tipos de crianças: os pré-adolescentes.

A Literatura crescia à medida que eu crescia dentro da escola como docente. Nesse ínterim, o fato mais importante da minha vida ocorreu, tive a minha dádiva divina, a centelha de luz que me mudou enquanto ser humano: minha filha Gabrielle. Foi através dela que pude compreender o sentido do verbo “amar”. Desde o ventre ela escutava de mim as estórias mais encantadoras do universo infantil. Talvez pelo incentivo desde a barriga, Gabrielle conseguiu se tornar uma leitora exemplar. Nesse período, passei na faculdade de Letras. Começava assim a minha jornada

pela Academia.

No “mar” das ideias, das palavras, dos conhecimentos, os homens lançam-se durante toda a vida, na busca incessante de saber mais em relação ao que já se conhece ou que se quer descobrir. E nessa estrada, as trajetórias se cruzam com conceitos e acepções educativas em linhas que indicam direções diferentes para as mesmas buscas, ou diferentes buscas para as mesmas direções. Assim, ingressei na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC aos 23 anos, já lecionando desde os 17.

Foi na Universidade que meus conhecimentos sobre educação se ampliaram de tal forma que compreendi que nas sociedades mais primitivas, a educação se encontrava difusa, integrada no próprio funcionamento da sociedade, de modo que todos educavam todos. Quando os agrupamentos humanos tornaram-se mais complexos surgiram às escolas como organizações responsáveis pela transmissão da herança cultural; porém, a educação sistemática e formalizada não substituiu totalmente a educação informal que permeia todas as relações entre os homens até a atualidade.

O papel da educação não é apenas de transmissão da herança dos antepassados, mas de se tornar processo de gestação do novo, questionando o velho, de acordo ao tipo de sociedade: estável ou dinâmica.

Exatamente assim foram os meus primeiros passos no mundo das Letras. Da Educação Infantil ao Ensino Superior. Passei por todos os segmentos da educação junto com meus alunos. Dessa forma, minhas visões de homem, de mundo, de educação, também começaram a se modificar quando ao encontro de teóricos e pensadores comecei a ser apresentada: Afrânio Coutinho, Mary Kato, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Magda Soares, no campo da Literatura; na linguagem, Luiz Carlos Travaglia, Ingedore Koch, Luiz Antonio Marcushi, Paulo Freire e Vygotsky e nos conhecimentos pedagógicos, Rousseau, Piaget e agora no mestrado fui apresentada às ideias de Maria da Conceição Almeida e Edgar Morin. Este último, responsável pela minha escolha em investigar e escrever minha dissertação de conclusão do mestrado.

Edgar Morin nasceu em 08 de julho de 1921, em Paris, filho único, ateu declarado e judeu. Viu-se obrigado a refugiar-se em Nanterre durante a ocupação da França pela Alemanha em plena Segunda Guerra Mundial. Foi simpatizante

comunista e ficou afastado de todas as atividades ligadas ao partido pela sua oposição ao estalinismo. Sempre fora muito politizado e atuante sociólogo francês. Desde muito cedo compreendeu a importância da integração das diversas áreas do saber.

Inicialmente seus estudos foram olhados pela comunidade científica com bastante desconfiança, chegando a receber, em 1965, uma “repreensão científica” da Direção Geral de Pesquisa Científica e Técnica. Somente foi levado mais sério com a publicação de seu livro *Le Paradigme Perdu. La nature Humaine* (1973) e de *La Méthode*, obra que trabalhou incansavelmente na década de 70 e que teve seis volumes publicados.

Em plena contemporaneidade, Edgar Morin tornou-se o principal teórico do paradigma emergente da ciência do século XXI: o pensamento complexo. Considerado pela crítica um dos mais importantes pensadores vivos.

Pesquisador emérito do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, formado em História, Geografia e Direito, antropólogo, sociólogo e filósofo francês, conhecido por sua abordagem transdisciplinar, define que o sistema de educação não produz apenas conhecimento e elucidação. Este também produz ignorância e cegueira, já que a educação dominante troca o todo pelas partes, separa os objetos do conhecimento de seu contexto, fragmentando o mundo, fracionando os problemas e impedindo as pessoas que tenham uma compreensão melhor da realidade.

Infelizmente, pela visão mutiladora e unidimensional, paga-se bem caro nos fenômenos humanos: a mutilação corta na carne, verte o sangue, expande o sofrimento. A incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária), conduz a infinitas tragédias e nos conduz à tragédia suprema. (MORIN, 2011, p. 13).

Como fui educada na transição da pedagogia tradicional para uma pedagogia sociocultural, comecei a trilhar meu perfil de educadora pensando que a educação não poderia ser compreendida fora de um contexto histórico-social concreto; a prática social é o seu ponto de partida e o de chegada. É ímpar que a educação seja fator imprescindível para a transição entre as formas mais primitivas de consciência até as formas da consciência crítica, num constante processo de ir e vir, de construção – desconstrução e reconstrução da libertação do ser humano das

amarras da ignorância.

Na escrita desse trabalho tive como base as obras mais importantes de Edgar Morin “Educar na Era Planetária”, “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”, “Introdução ao Pensamento Complexo”, “A cabeça bem feita” e a obra de Maria da Conceição de Almeida “Educação e Complexidade, os Sete Saberes e outros ensaios”.

“Educar na Era Planetária” discute os comprometimentos de um mundo repleto de técnicas e fragmentações, as arrogâncias dos arquétipos racionalistas que anulam a integralidade humana. Nesta obra, Morin vai de encontro à realidade contemporânea, utilizando-se de fatos históricos para analisar os processos de planetarização e mundialização.

Podemos afirmar o seguinte: em situações complexas, ou seja, quando existe num mesmo espaço e num mesmo tempo não só ordem, mas igualmente desordem, quando existem não só determinismos mas também acasos, quando emerge a incerteza, é necessária a atitude estratégica de um sujeito; perante a ignorância e a confusão, a sua perplexidade e a sua lucidez são indispensáveis. (MORIN, 2003, p. 16).

Segundo Morin aprendemos a analisar, separar, mas não a relacionar e fazer com que as coisas se comuniquem. Ele afirma que as disciplinas tem um tecido comum que as une, mas que devido a fragmentação destas, este mesmo tecido se torna invisível. Assim nos questiona sobre o que é educar para a era planetária e que toda caminhada se dá junto às incertezas do caminhar, pois ao andar é que se faz o caminho. Portanto, faz-se imprescindível saber para onde caminha nosso planeta.

Numa segunda obra Edgar Morin, em 1999, concatenou um conjunto de reflexões que auxiliou no repensar a educação para o século XXI, “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”, que distam As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; O conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; A compreensão humana; A incerteza; A condição planetária e por fim A ética do gênero humano.

Neste livro há apreciações perante os hiatos da educação, considerados como buracos negros, aconselhando aqueles que vislumbram uma educação do futuro, caminhos para o reordenamento de crianças e jovens cidadãos planetários.

O livro “Introdução ao Pensamento Complexo” é uma discussão sobre o que é o pensamento complexo e o que significa pensar complexamente, tratando da articulação conceitual dos elementos historicamente tidos como desiguais: o uno e o múltiplo, o todo e a parte, a ordem e a desordem e o sujeito e o objeto.

...o pensamento complexo não propõe, no seu diálogo, um programa, mas antes um caminho (método) no decorrer do qual poderemos pôr a prova determinadas estratégias que se revelarão frutuosas, ou não, durante o encaminhamento dialógico. O pensamento complexo é um estilo de pensamento e de abordagem do real. (MORIN, 2003, p. 31).

Ainda nesta obra, empenha-se na concórdia entre a ciência e a filosofia, convocando os leitores a engendrar e legitimar um posicionamento de reflexão do ser – ontológico, metodológico e epistemológico a fim de encontrar a inter e a transdisciplinaridade, reintegrando o observador em sua observação. Há nesta obra uma visão bem crítica da Ciência e seu posicionamento analítico-reducionista ao não abarcar campos de conhecimento de outras áreas como as Ciências Humanas e as Artes.

Em “A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”, Morin nos conduz a uma reflexão acerca da fragmentação do conhecimento e do comprometimento desta para a educação humana.

De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário. (MORIN, 2006, p. 13,14).

A hiperespecialização acaba por matar a dinâmica do conhecimento, pois o mais relevante é o processo que gera os aprenderes no movimento da construção. Para o autor há um desajuste entre os saberes divididos e os problemas poli disciplinares com os quais nos deparamos. Propõe uma reforma do pensamento sobre o pensar, um novo sistema de ensino que procura conversar com todas as áreas do conhecimento.

Maria da Conceição de Almeida, Antropóloga, Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, desde maio de 2010,

admiradora e estudiosa das obras de Morin, organizou a obra “Educação e Complexidade: Os Sete Saberes e outros ensaios”. Neste estudo, coloca-nos diante do desafio da complexidade do mundo contemporâneo e a separação dos objetos de seus contextos e as consequências disso para as políticas públicas, principalmente a educacional.

...o conhecimento é, com efeito, uma viagem que se efetiva num oceano de incerteza salpicado de arquipélagos de certeza. Não resta dúvida que nossa lógica nos é indispensável para verificar e controlar, mas, ao fim e ao cabo, o pensamento acaba por se operar transgressões nela. A racionalidade não se reduz à lógica, mas a utiliza como instrumento. A ciência reconheceu oficiosamente este desafio da complexidade que hoje penetra no conhecimento científico, embora não seja ainda reconhecido oficialmente. (ALMEIDA, 2007, p. 63, 64).

Acredito, pautada nas ideias que Saint Exupèry, Morin e Maria da Conceição de Almeida alvitram em suas principais obras e que serviram de base para essa dissertação, que seja necessário introduzir e desenvolver na educação o estudo das diversas características humanas sejam elas, biológicas e culturais dos conhecimentos humanos, além dos processos e modalidades que por muitas vezes conduzem o humano ao erro ou à ilusão do conhecimento.

A percepção do mundo se dá através da reconstrução de si, do outro e do seu entorno, explorando as possibilidades de erro para impulsionar a percepção da realidade com suas incertezas e imprecisões.

Em toda a minha trajetória nada me chamou mais a atenção do que o poder criativo das Artes, em especial a Literatura. Os lugares por onde ela nos encaminha desde a infância até a mais tenra idade, a maneira lúdica e poética que os escritores usam e abusam da palavra, no reencantamento com o mundo, mexem com minha forma de pensar sobre a palavra.

Portanto, nada mais apropriado do que unir a Literatura do Pequeno Príncipe, um livro encantador para crianças e adultos, com a proposta de uma pedagogia complexa e de uma educação do futuro na exposição deste trabalho. É um “novo” paradigma científico e filosófico que busco como resposta ao mal-estar da pós-modernidade, que é a meu ver, causado em grande parte pela cisão dos aspectos humanos e naturais trazida pela hiperespecialização das áreas do conhecimento.

A doença da teoria está no doutrinário e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem. A patologia da razão é a

racionalização que encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral, e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável, nem que a racionalidade tem por missão dialogar com o irracionalizável. (MORIN, 2011, p. 15).

Nunca os estudos acerca da Educação, estiveram tão preocupados em voltar-se para o SER, para o poder criativo deste, considerando todas as facetas da experiência humana, não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e cidadania, como também, os aspectos físicos, emocionais, políticos, sociais, estéticos, intuitivos, espirituais e criativos da natureza humana.

A Literatura Infantil também enfrenta e questiona os problemas ontológicos do ser, utilizando-se de uma linguagem poética, nos saberes e sabores do universo das crianças. É assim no Pequeno Príncipe. Uma busca pelo SER.

Os livros feitos para os pequenos são, sobretudo, experiências da observação do olhar das crianças ou dos autores na infância. São acúmulos de memórias trazidas à tona pela pena ou pela caneta. São instrumentos capazes de sobrepor as visões minimalistas do ser humano.

Vejo a Educação como uma atividade humana, histórica, cultural, política e social, como lugar de interação entre os interlocutores, um espaço de construção e reconstrução de significados e significantes e de formas representativas da realidade por meio do potencial criativo do ser humano. E é exatamente a Educação a manjedoura capaz de abrigar a criatividade como a base do ato de liberdade, potencializando a imaginação humana. A sobrevivência dos povos depende da capacidade criadora do homem.

O processo criativo está intimamente relacionado ao exercício da imaginação e a reforma do pensamento com o pleno emprego da inteligência, de forma que o indivíduo possa entender e enfrentar os problemas contemporâneos. Foi isso que eu encontrei no Pequeno Príncipe. A instigante estória daquele pequeno ser, a auto expressão, a parábola sobre infância e vida adulta, a autodescoberta, ou como afirma ZELLER (2006), escritora e biógrafa da vida de Saint Exupéry, o significado essencial das coisas descobertas, não pelos olhos, mas pelo coração, permitem que crianças e adultos se expressem de forma global, prazerosa e significativa. É no seio das Artes que o homem se expressa e que coloca para fora suas incertezas e sua complexidade.

A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte:

fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (CAGNETI, 1996, p. 7).

Os excessos de pensamentos analíticos que no decorrer dos séculos nos foram impostos, por meio do capitalismo selvagem, cercearam nosso poder criativo e conseqüentemente incentivaram o consumismo exacerbado dentro das obras literárias. As crianças de hoje são outras que não era há séculos atrás. Hoje, nós devemos ensinar as crianças a pensar sobre, a refletir sobre, a questionar sobre e acima de tudo a ser ao invés de ter.

A problematização da condição humana também se dá na Literatura Infantil. O Pequeno Príncipe é prova cabal de que as coisas da alma são inquiridas em suas multidimensionalidades.

Dessa forma, mesmo o livro de Antoine tendo sido escrito no século XX em meio a crises políticas, econômicas e principalmente existenciais, desde lá, a educação vem caminhando e se contrapondo a visão determinista do mundo, admitindo a existência do “todo” permeado por partes que se inter-relacionam, conforme afirma Morin:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência, a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2011, p. 37).

Mesmo que a educação ainda seja vista por muitos educadores e estudiosos como um assunto ímprobo, intrincado, compreendo que a educação tem o papel de assegurar o discernimento sobre a essência humana e sobre a humanidade. Destarte, como afirma Morin, a educação acenará com novas perspectivas de resistência, emancipação e felicidade, na chamada ética de resistência.

Compreender a natureza humana através das conexões entre unidade e diversidade sui generis aos seres, levando em conta as inter-relações dos saberes, como bem o faz a Ecologia, é o mote de uma educação complexa. O pensamento complexo viabiliza o questionamento e a investigação dos próprios modos de conhecer, permitindo-nos a reforma do pensamento do linear ao complexo, dentro

das instituições educacionais.

Em conformidade com o que preconiza Morin, A educação do futuro deve estar centrada na condição humana. Analisar o humano é, antes de qualquer coisa, posicioná-lo no universo, e não desagregá-lo dele. Faz-se mister, que todos os que se dedicam a educação integrem a dianteira defronte a oscilação do devir.

(...) para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas, bem como para integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes. (MORIN, 2011, p. 44).

A educação obriga uma comunicação humana revertida para o discernimento, clareza e percepção, vez que é de suma importância o incremento da compreensão para reestruturação do pensamento.

Ao escolher Edgar Morin para mediar a análise do Pequeno Príncipe, o fiz pautada na sua esperança no futuro e no seu entendimento de que o cidadão planetário está apto para coexistir com as imprecisões, resguardando as heterogeneidades nas sociedades multiculturais. Da reflexão perpassando a problematização e assim a contextualização, Morin e O Pequeno Príncipe nos encaminham a busca de sentido através de um processo educativo concomitantemente pessoal e em concórdia com os outros seres.

Dentro do processo educativo, vejo a educação como um elã que motiva a humanidade para a plenitude. É preciso ter esperança num mundo onde o caos parece dominar. É preciso que busquemos o sentido da existência, mesmo sabendo que enfrentaremos nossos dragões efêmeros e mesmo sabendo da limitação corpórea e material humana.

Como missão docente é preciso propiciar às crianças e aos jovens a exposição prazerosa a situações de comunicações significativas, explorando as dimensões humanas. É na escola onde encontramos o espaço propício para a educação acontecer. É na escola onde acontecem o fazer, o conhecer, o conviver e o ser. É, pois, nesse ambiente que emergem as reais necessidades de converter os espaços pedagógicos em paragens onde as aptidões, as competências e habilidades se aprimorem a fim de constituir caráter, partindo de valores universais e princípios humanos.

A criança interior presente no Pequeno Príncipe nos encaminha à complexidade do ser humano e seus antagonismos, capaz de romper com a insensatez do conhecimento reducionista. Encontro exatamente nas inquietações e nos diálogos travados pelo Pequeno Príncipe o enlace com as ideias de uma educação para o futuro de Morin, através da correlação entre os princípios da complexidade humana e dos saberes necessários à educação do futuro.

A observação de elementos que me permitam indicar uma educação complexa na obra do Pequeno Príncipe é o mote desse trabalho. O verdadeiro conhecimento tem a obrigação de ser pertinente, isto é, deve levar em conta todas as ligações estabelecidas entre os objetos produtores, instaurando as recíprocas associações entre as partes. A elaboração de aptidões totais da mente oportuniza que o desenvolvimento das competências particulares ou especializadas se dê com naturalidade.

O espírito “sherlokeano” do Pequeno Príncipe corrobora com a busca incessante pelas inquietações do pensamento complexo, que a cada momento nos instiga a estarmos preparados para o novo numa perspectiva menos mutiladora e simplista. Não que o pensamento complexo negue o determinismo, a clareza ou a ordem, todavia, empurra-nos ao enfrentamento das contradições como força motriz e produtora da civilização do nosso próprio conhecimento.

Não estamos sós no mundo. Somos partes dentro de um todo: físico, psíquico, cultural, social, histórico e espiritual. Portanto, a condição humana deveria ser a essência do conhecimento.

A palavra literária de Antoine revela uma profundidade necessária para uma abordagem responsável com uma educação complexa e compromissada na formação de seres intuitivos. Dentro de uma perspectiva transdisciplinar se engendra a formação de seres mais sensíveis ao belo e ao criativo, como o faz tão bem o Pequeno Príncipe, empolgando-se com os detalhes do mundo.

É nesse ponto que meu encontro com a célebre obra de Antoine cravou em mim a superação da visão unilateral do ser. O enigmático presente nas figuras de linguagem do livro O Pequeno Príncipe e sua narrativa poética são uma espécie de ética da responsabilidade e de como somos responsáveis uns pelos outros e por nós mesmos. É a busca do ser pelo ser e pela alteridade na complexidade do real. Na educação formal não se pode fazer e ser diferente.

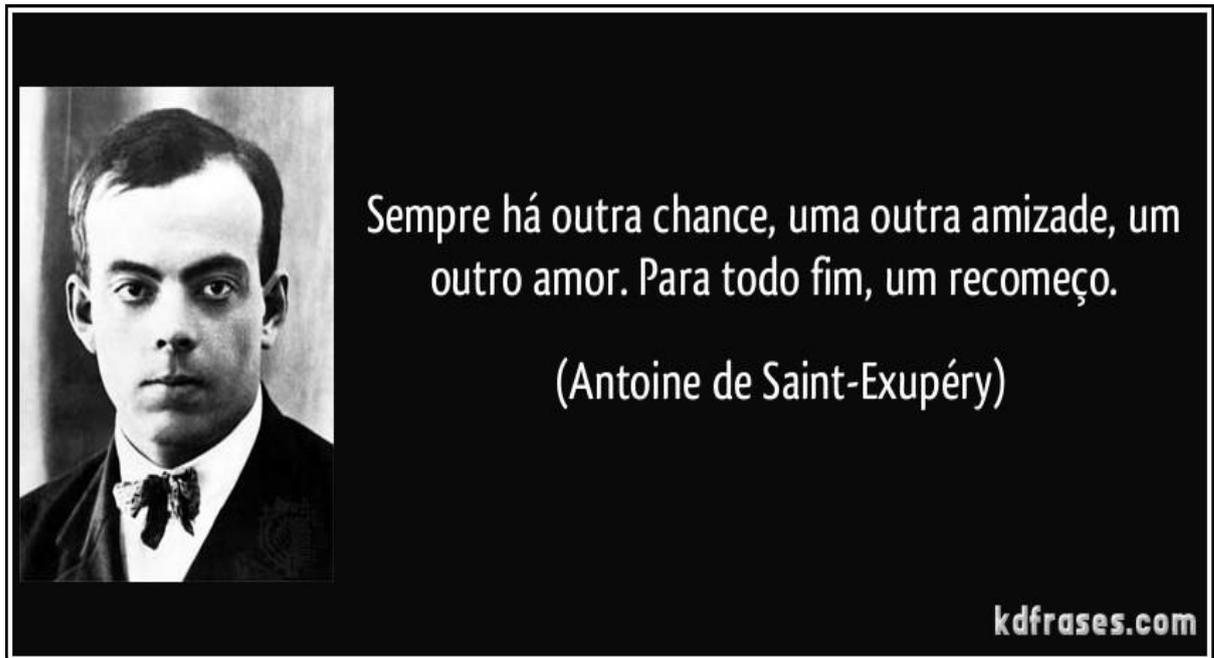
Assim, no primeiro capítulo intitulado de **Antoine de Saint Exupéry em prosa**, apresento uma introdução geral sobre a vida, obras do autor e de como suas visões pessoais estão entranhadas em suas produções literárias. De como o homem e suas buscas existenciais promovem sonhos e crises. De como Antoine se encontra e se reflete naquele pequenino ser de cabelos cor de ouro num universo lúdico, mágico, mas ao mesmo tempo autobiográfico.

No segundo capítulo, **O encontro: O Pequeno Príncipe e Edgar Morin**, transponho o caráter subjetivo presente na obra e seu poder libertador, relacionando-o com o pensamento complexo proposto por Edgar Morin. A história é narrada poeticamente sob a perspectiva da integralidade do homem sem deixar de lado sua racionalidade. O encontro de “mundos” dentro de um mundo “o homem”. O “cativar” em sua expressão máxima. A busca de respostas para as inquietações da alma e do caráter pedagógico do Pequeno Príncipe para a proposição de uma educação multidimensional. Numa apreciação crítica sobre a problematização da condição humana, O Pequeno Príncipe e Edgar Morin se entrelaçam na visão do homem em sua complexidade, a caminho de ações educativas no despertar da consciência adormecida pela compartimentalização do agir e do pensar humanos.

Por fim, no terceiro e último capítulo **Carta para O Pequeno Príncipe: o fim é o começo**, escrevo uma carta para a personagem contando como ele me cativou e como minha visão de docente fora modificada pelos seus questionamentos atrelados ao pensamento complexo proposto por Morin. Dentro deste último capítulo, contém a minha essência enquanto docente e uma experiência profissional narrada perante a educação do futuro centrada na condição humana e no estabelecimento de relações no tecido comum que une os diferentes aspectos dos conhecimentos na interdisciplinaridade.

Esta dissertação caminha pela narrativa simples de uma mestranda que ama Literatura e que vê na educação o caminho libertador do homem das amarras da ignorância. Não policiemos nossos pensamentos a ponto de ceifar nossa imaginação. Nem ao ler este texto analisá-lo sob a ótica da fragmentação do pensar e do reducionismo da razão. Deixemos nossas incertezas nos levar. Humanizemos, pois, nossas ideias para que as mesmas não nos coloquem num pedestal de certezas.

Imagem 2 - Antoine de Saint-Exupéry.

FONTE: site www.kdfrases.com.br

ANTOINE DE SAINT EXUPERY EM PROSA

A literatura nasce quando a gente nasce. Ainda dor da separação materna, ainda choro, ainda grito, ainda som, ainda assim existe magia no nascer da gente. A poesia vem embriagada no nosso mais terno choro, e as nossas histórias começam. Assim, evocam-se príncipes e princesas, rainhas e bruxas, fadas e duendes num mundo mágico que transcende nossa imaginação e nossa infância. A literatura transforma-nos e nos liberta das amarras do mundo real, visível e tantas vezes cruel. Foi assim, entre livros, que conhecemos nossos heróis e anti-heróis. De um rabisco quase impossível aos olhos adultos vemos e reconhecemos uma jiboia engolindo um elefante. É uma cena que nos remove da poética do caos moderno e nos puxa para o mundo imaginário de Antoine de Saint Exupéry, em sua clássica obra O Pequeno Príncipe.

Antoine Jean Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint Exupéry, piloto, escritor, ilustrador, músico, nasceu em Lyon, na França, aos 29 de junho de 1900. Marie-Madeleine, a mais velha, Simone, que vem em sequência, Saint Exupéry, terceiro filho, depois dois anos mais novo, François, seu confidente e amigo inseparável e por último Gabrielle, todos filhos do casal o conde Saint-Exupéry e da condessa Marie Fascolombe. Saint-Ex era um príncipe. Alvo como uma nuvem,

cabelos loiros como os raios do sol, olhos grandes e intensos, voz suave e musical.

No início do ano de 1904, Marie de Saint-Exupéry perdeu o marido, que a deixou com cinco filhos entre 08 anos a 10 meses. Antoine ainda não tinha 04 anos. Sua mãe teve a missão de cuidar dos cinco filhos.

Desde criança o mundo de Antoine sempre fora recheado de literatura. As primeiras leituras do Rei Sol, como era carinhosamente chamado por seus irmãos, fazendo jus aos cachinhos de ouro que carregava e pelo caráter firme e autoritário, foram apresentadas pelas figuras femininas da mãe e da babá ainda na infância. Seu sono sempre fora repleto de histórias religiosas e contos, como "Histórias Vécues", um livro francês ilustrado que versa sobre a floresta virgem e sua fauna. Nesta obra, Exupéry conhece o primeiro desenho que mudará sua vida para sempre, uma jiboia devorando um felino.

O Rei Sol reinou no castelo da família em Saint-Mauricie, na região de Ain, a alguns quilômetros de Lyon, uma região cheia de prados, bosques e lagos. O castelo de Saint-Mauricie pertencia a uma tia muito querida. Um mundo fechado e protegido, cuja imagem o perseguiria a vida inteira. Sua casa era mágica, imensa, própria para o desenvolvimento de histórias que incitavam a curiosidade e a imaginação. Um universo mágico, nutrido por epopeias cavaleirescas a medida da imaginação de Antoine, um território sagrado de memórias literárias.

A infância de Antoine foi tranquila, apesar da perda precoce de seu pai. Já como adolescente, sempre fora incentivado pela família a escrever contos e poesias. Sua mãe, Marie, passou a ter papel preponderante em sua formação artística. Ensinou-lhe desenho e música.

Exupéry passava suas férias nesse universo mágico e perto dali tinha um aeródromo, onde se fazia alguns primeiros experimentos aeronáuticos, pelo qual tinha total fascínio. Foi amor à primeira vista. Fugia para lá diversas vezes de bicicleta, escondido de Marie. Antoine pensava sempre ao vislumbrar um avião que um dia ainda teria asas. Quem poderia conter o sonho de Ícaro? Observar os aviões levantando voo, os pilotos se preparando para romper as nuvens naquelas máquinas voadoras encantava o menino que mais tarde se tornaria um piloto civil.

Em 1912, aos doze anos, tem o seu primeiro voo de batismo escondido de sua mãe, com dois pilotos que eram irmãos, dizendo que a mãe teria consentido. Ledo engano, pois Marie tinha pedido que ele ficasse longe daquelas máquinas

voadoras.

Uma experiência que mudara a vida do Rei Sol para sempre. A sensação de liberdade era para ele a libertação do seu espírito. Mas mesmo com seu medo de mãe, Marie, que era sua eterna cúmplice, deu-lhe a oportunidade para entrar na história da aviação francesa, pois via em seu filho a paixão pelos céus.

Antoine teve uma educação impecável. Estudou, a princípio, no Colégio de Jesuítas de Notre Dame de Saint Croix, em Mans, de 1909 a 1914. Em sua passagem por lá, Exupéry foi por diversas vezes punido por se mostrar desinteressado nos estudos e ser completamente desorganizado com o material escolar. Chamado pelos colegas de “cabeça de vento”, “no mundo da lua”, Antoine mantinha seu nariz empinado para as estrelas e para o universo a fim de desvendá-los em seus sonhos.

Neste ano, como ocorria a Primeira Guerra Mundial, fora transferido junto com seu irmão, François, para o colégio dos Marianita, em Fribourg, na Suíça, onde permanecera até 1917. Mas nesse mesmo ano, Antoine sofreu uma perda irreparável. Seu irmão François morreu. E aos 15 anos, o Rei Sol perdeu uma parte de si mesmo reconhecido no amor fraterno que gratuitamente nutria por François. Foi quando mergulhou profundamente na arte das palavras. “Eu o apertava nos braços, escreveria ao falar do Pequeno Príncipe, e, no entanto parecia para mim que ele escorria vertiginosamente num abismo sem que eu nada pudesse fazer para retê-lo.” (apud ZELLER, 2006, p.14 e 15).

Na volta às aulas, Antoine não era mais o mesmo. A perda de François mexeu com seus ideais e com sua visão sobre a vida. A morte era agora uma parceira que o importunava em seus sonhos e em suas inquietações existenciais.

A Escola Naval sempre fora sua ambição mais audaciosa, já que lhe daria um leque de possibilidades profissionais. Contudo, fora recusado numa redação que pôs fim a esse primeiro sonho, intitulada de “Impressões de um soldado voltando da guerra”.

-Eu não fui à guerra, então acho que não posso falar nada “fingido”. Se Saint-Exupéry realmente não escreveu em sua folha essa frase que se tornou lendária, ele desconfiava da verdade dela. Sua nota de redação foi muito baixa. E ele continuava sempre a fazer versos. (ZELLER, 2006, p. 15).

Já rapaz, Dostoievski, Baudelaire, eram suas leituras prediletas. Fã

incondicional da música clássica, Bach, Handel e Mozart eram seus favoritos. Ainda gostava de representar, de ir à ópera e assistir Molière. Antoine tinha extrema intimidade em manusear a língua. Com essa destreza, ele foi um galanteador expressando seus sentimentos às moças que encontrava. Perpetuou as peripécias de seus companheiros da empresa de correio aéreo *Aéropostale*, nos anos 20, com seus premiados livros, ficando conhecido como "poeta da aviação".

Antes de se lançar como escritor Exupéry já estava na carreira de piloto. Nos anos 20 e 30 ser piloto era raríssimo. Em 1921 ingressou no serviço militar, no regimento de Aviação de Estrasburgo, tornando-se piloto civil e subtenente da reserva. Uma passagem curiosa e um tanto embaraçosa foi logo no início, ainda como aprendiz, quando não conseguiu aguentar o desejo de voar e ao receber apenas a lição de pilotagem, aproveitou o momento em que se encontrava a sós e se lançou na cabine para brincar com o maquinário. Foi então que o desejo de voar o tomou por completo. Alçou voo e ganhou os céus numa imprudência que lhe rendeu um avião avariado e uma estadia pela prisão militar. Um castigo para seu desejo de voar.

Ele transformou sua profissão numa matéria literária, específica e extremamente poética. Como se ele fizesse da aviação, poesia. Esse universo cotidiano de missões, de voos extremamente perigosos, permearam suas obras com a temática da aviação.

Enfiou a cabeça na carlinga. A fluorescência das agulhas começava a luzir. O piloto verificou os números um por um e ficou satisfeito. Sentia-se solidamente sentado no céu. As pontas dos seus dedos afloravam uma longarina de aço e Fabien sentiu a vida pulsar no metal: o metal não vibrava, vivia. Os quinhentos cavalos do motor faziam passar pela matéria rígida uma corrente muito doce, que transformava o gelo em carne aveludada. Uma vez mais, o piloto não sentia, ao voar, nem vertigem, nem embriaguez, mas o trabalhar misterioso de uma carne com vida. (EXUPÉRY, 1973, p. 17).

Contratado pelas empresas *Latécoère* de Aviação, na cidade de Toulouse, no sul da França, precisamente numa região suburbana, Exupéry começou sua então carreira como piloto de linha, aos 26 anos, fazendo voos entre Toulouse, Casablanca e Dacar. *Latécoère*, dono da empresa de mesmo nome, era um visionário, industrial francês que criou a primeira companhia de correio aéreo. A princípio, levavam o correio do sul da França para as suas colônias na África,

sobretudo no norte africano. Exupéry era uma figura muito querida por *Latécoère*.

... De estatura alta, ombros fortes, o rosto ainda um pouco infantil com o nariz forte e empinado, olhos grandes, ligeiramente salientes, cheios de vida e de bondade, sobrancelhas com uma linha admirável. Ele é viril e doce, tímido e corajoso, meditativo e brincalhão. Era muito afável e todos gostavam dele: do chefe mais importante ao mecânico mais modesto; mas, com ele, a familiaridade terminava no limite do respeito. As pessoas sentem que ele pertence a uma grande linhagem, de uma ascendência que sua cordial simplicidade jamais deixaria esquecer. (ZELLER, 2006, p. 16).

Didier Daurat, seu chefe, vê em Exupéry um espírito diplomático. Pioneiro da aviação comercial francesa, Saint-Ex estabeleceu várias rotas entre a Europa, a África e a América do Sul. Numa dessas viagens, conheceu o Brasil, instalando-se alguns dias em Florianópolis e passando rapidamente pelo Recife.

Uma das missões diplomáticas e de reconhecimento que recebera dos seus chefes lhe rendeu uma experiência ímpar no Marrocos, o qual vivia uma guerra civil e de onde os acidentes eram muito frequentes. O Marrocos estava recém-colonizado pelos espanhóis, havendo tribos de mouros rebeldes que maltratavam ou matavam com selvageria os pilotos quando seus aviões caíam em pane, quando não pediam o resgate para as autoridades francesas.

A fim de apaziguar esses mouros, fazendo com que a passagem dos pilotos fosse mais tranquila, Didier, diretor da Companhia *Latécoère*, mandou Exupéry para o deserto marroquino, onde praticamente morou por longos dois anos. Numa verdadeira solidão e despojamento, ficou no deserto vivendo diplomaticamente com seus companheiros em uma cabana, ao lado de um forte espanhol. Estava irreconhecível. Misturou-se a paisagem do deserto. Parecia um mouro. A tez cortada e bronzeada pelo sol intenso, a barba tomando todo seu rosto delicado, as vestes enrolavam o seu corpo como o deserto enrolava a alma daquele que o desafia.

Nessa passagem pelo Marrocos ele aprende a ser forte, a amansar as feras do deserto. É exatamente aí que retira uma das personagens mais emblemáticas e cativantes para seu Pequeno Príncipe: a raposa.

Essa solidão que lhe acometia no deserto pode ser comprovada no Pequeno Príncipe quando este narra a queda de um avião ficando seu piloto no deserto. Seria aí uma autobiografia recheada pela poeticidade de uma história infantil?

Vivi, portanto, só, sem alguém com quem pudesse realmente conversar, até o dia em que uma pane obrigou-me a fazer um pouso de emergência no deserto do Saara, há cerca de seis anos. Alguma coisa quebrara no motor. E como não trazia comigo nem mecânico nem passageiros, preparei-me para executar sozinho aquele difícil conserto. Era, para mim, questão de vida ou morte. A água que eu tinha para beber só dava para dois dias. (EXUPÉRY, 2009, p. 09).

A situação precária, as panes aéreas, a desolação por falta de alimento, água e até mesmo por socorro, foram minimizadas por Saint nas cartas que enviava à sua querida mãe para não preocupá-la. Nesse período, as cartas para Marie eram um bálsamo, num despojamento de alma contando seus dias de observação humana de um deserto que não era somente geográfico, mas espiritual.

Minha mamãezinha que vida de monge eu levo. No canto mais perdido de toda a África em pleno Saara espanhol o forte na praia, nossa barraca encostada e mais nada durante centenas e centenas de quilômetros. Um despojamento total. Uma cama feita com uma tábua e um colchão de palha fino, uma bacia, um jarro d'água, uma cela de mosteiro. Os aviões passam de oito em oito dias, entre eles, três dias de silêncio. E quando meus aviões partem são como meus pintinhos, fico inquieto até que o telégrafo sem fio anuncie sua passagem na escala seguinte a mil quilômetros. (Trecho da carta de Saint-Ex para Marie)¹

Da poesia às cartas como correspondente de guerra na Espanha, Saint-Ex conseguiu destaque como escritor nas obras "Correio Sul" (1929), inspirado na sua experiência como piloto, tanto na aviação civil como na batalha da França, "Voo Noturno" (1931), narrativa dos seus tempos de aviador na Argentina, sendo este último adaptado para o cinema além-mar como "Night Flight" com Clark Gable como protagonista. Era um escritor versátil com temas filosóficos e morais.

Em outubro de 1927, a Companhia *Latécoère* tornou-se a *Aéropostale*, com a atribuição de fazer o correio da rede França-América do Sul. Tendo sido convocado para uma missão na Argentina, foi nomeado em 1929 diretor da linha aérea da Patagônia: a *Aéroposta* Argentina.

Chegou a Buenos Aires e encontrou um clima alegre e exaltante junto com seus amigos inseparáveis Mermoz e Guillaumet. Esse período foi para Exupéry o

¹ Trecho da carta de Saint Exupéry para Marie, extraído do programa de rádio *Conducen Silvie Pirillo y Cristina Zuñinga* – AM 1240. Radio Universidad Historia Literatura. Cartas Personales de Grandes Personalidades de la Historia Universal. Antoine de Saint Exupéry. Letras Intimas. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9VdqIGV8LHK>, acesso em 4 de abril de 2014.

mais intenso, repleto de momentos felizes, assim como em Toulouse nos primeiros dias de sua carreira na *Aéropostale*. Nessa missão teve que iniciar um serviço regular para a Patagônia e para a Terra do Fogo, até então dependente de ligações marítimas lentas e aleatórias, criar a linha mais meridional do globo no serviço postal.

Buenos Aires, 25 de outubro de 1929.

Minha mamãezinha, finalmente sei o que vou fazer. Fui nomeado diretor da exploração da *Aeroposta* Argentina, companhia filiada à companhia geral *Aéropostale*. Com um ordenado de cerca de 225 mil francos. Creio que você está contente, mas estou um pouco triste. Eu gostava da vida anterior. Parece que isso me envelhece. (Trecho da carta de Saint-Ex para Marie)²

Mais uma vez a magia do céu permitiu que ele escapasse. Pela primeira vez na história os homens sobrevoaram a Cordilheira dos Andes. Neste sobrevoo encantou-se pelo branco da neve tomando formas de picos e cordilheiras. Uma imensidão branca, solitária e muito perigosa.

Saint-Ex e seus companheiros abriram uma nova página na epopeia da *Aéropostale*, cujo episódio mais famoso foi, sem dúvida, o acidente de Guillaumet, seu companheiro de aviação e grande amigo, no sobrevoo pelas Cordilheiras Andinas, em 13 de junho de 1930 em pleno inverno. Guillaumet fazia sua 92ª travessia dos Andes e fora atingido por uma tempestade de neve terrível, tendo sido obrigado a fazer um pouso de emergência. Ao pousar percebeu que seu avião estava destruído.

Quando soube a notícia do desaparecimento do amigo, Saint Exupéry levantou voo imediatamente e foi à sua procura. Durante cinco dias perscrutou incansavelmente a montanha, servindo-se de uma esperança além do que a racionalidade pudesse crer. A sabedoria popular andina já havia lhe avisado que os Andes, no inverno, não devolvem os homens. Entretanto, aconteceu um fato incrível. Guillaumet foi encontrado vivo, cinco dias caminhando, sem dormir, em condições inimagináveis e sobre-humanas. Saint-Ex nutrido de uma esperança sobrecomum escreveu:

² Trecho da carta de Saint Exupéry para Marie, extraído do programa de rádio *Conducen Silvie Pirillo y Cristina Zuñinga* – AM 1240. Radio Universidad Historia Literatura. Cartas Personales de Grandes Personalidades de la Historia Universal. Antoine de Saint Exupéry. Letras Intimas. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9VdqiGV8LHK>, acesso em 4 de abril de 2014.

Chorávamos todos e estreitávamos sobre nossos braços vivo e ressuscitado, autor de seu próprio milagre. Foi então que você expressou e foi sua primeira frase inteligível, um admirável orgulho de homem:

- O que fiz, juro, nenhum outro animal teria feito. (Trecho do Diário de Saint-Ex)³

Em seu romance *Terra dos Homens*, Exupéry, mais tarde fará de seu amigo Guillaumet a imagem ideal de sua concepção do homem. “O homem é o que lhe faz e lhe vale o que se torna”. E mais, de volta para a Europa, trouxe também uma paixão, Consuelo, sua futura esposa, que conhecera nas rodas da sociedade argentina. Saint-Exupéry se apaixona violentamente por essa jovem brilhante e fantasiosa.

Ajudado pela euforia, Antoine se inebriou com seus êxitos literários e se desleixou com as nuvens que se acumulavam. A *Aéropóstale* estava em liquidação judiciária. Casou-se em Agay na casa de sua irmã mais moça, Gabrielle, por quem teve um terno carinho fraternal. Consuelo pareceu aceitar mal a vida de mulher de aviador. Em 1931, o romance “Voo noturno”, ganhou o prêmio *Femina* e o escritor estava definitivamente consagrado.

A vida matrimonial não era como imaginava. Os constantes desentendimentos renderam-lhe cartas de amor, o que mais tarde pode ser atestado na forma como descreve a relação do Pequeno Príncipe com a rosa. Consuelo não aceitava a vida de piloto de seu marido, tampouco as ausências das missões nos desertos. O casamento deteriorava-se. Entretanto, Exupéry lutava para que seu amor não morresse. Fazia parte da aristocracia católica da época e acreditava no casamento como instituição.

Consuelo, eu lhe escreverei essa noite uma carta de amor, apesar de tantas feridas e de palavras que você não ouve, os chamados que morrem contra a vidraça de sua almazinha fechada. Acontece que não aguento mais um amor que jamais encontrou seu caminho. Há em você alguém que amo e cuja alegria é fresca como a alfafa de abreu. (Trecho da carta de Saint-Ex para Consuelo)⁴

³ Trecho do Diário de Saint Exupéry, extraído do programa de rádio *Conducen Silvie Pirillo y Cristina Zuñinga* – AM 1240. Radio Universidad Historia Literatura. Cartas Personales de Grandes Personalidades de la Historia Universal. Antoine de Saint Exupéry. Letras Intimas. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9VdqiGV8LHK>, acesso em 4 de abril de 2014.

⁴ Trecho da carta de Sain Expéry para Consuelo, extraído do programa de rádio *Conducen Silvie Pirillo y Cristina Zuñinga* – AM 1240. Radio Universidad Historia Literatura. Cartas Personales de Grandes Personalidades de la

Haverá mais tarde outra carta de amor que Saint-Exupéry escreveria para Consuelo. Uma das mais famosas e curiosas da literatura mundial, uma carta como um gesto de aflição no meio da tormenta. A história de uma figurinha solitária envolvida com seus sentimentos por uma flor.

Assim, o príncipezinho, apesar da sinceridade do seu amor, logo começara a duvidar dela. Levava a sério palavras sem importância, e isto o fez sentir-se muito infeliz. –Não devia tê-la escutado – confessou-me um dia -, não se deve nunca escutar as flores. Basta admirá-las, sentir seu aroma. A minha perfumava todo o planeta, mas eu não sabia como desfrutá-la. (...) As flores são tão contraditórias! Mas eu era jovem demais para saber amá-la. (EXUPÉRY, 2009, p. 31).

A *Aéropostale* passava por uma crise financeira desconfortante, o que para Saint-Ex era como uma faca cortando seus sonhos de voar. Durante esse período de incerteza tanto profissional quanto pessoal, ele se viu atrelado às propostas que não gostaria de seguir. Com o fechamento da *Aéropostale* em 1931, Saint Exupéry entrou para a Air France, só que no setor de marketing, realizando conferências em diversos países. Essa fase foi para ele uma espécie de tédio, pois sua paixão era voar.

Em 1932, Marie, sua mãe e sua tia, em meio à crise financeira se veem obrigadas a vender seu castelo em Saint Mauricie. Antoine vive mal esses momentos de dificuldades. A melancolia o invadiu e começou a questionar a existência. Durante esse período de incertezas, ele se esforçou de diversas maneiras para esconder a insuficiência do salário.

Até que em 1935, tentando o *raid* Paris-Saigon, junto com seu mecânico Prévost, o avião o qual tripulavam caiu no deserto da Líbia e por lá ficaram três dias, sendo salvos por um beduíno, já quase mortos de sede e de fome. Foi abrigado por uma família suíça que vivia isolada perto do Cairo. O que antes parecia o fim, agora era o renascer de um homem fatigado por uma missão perigosa e cansativa. Mesmo diante do caos, Saint-Ex não deixaria seu sonho de Ícaro morrer. Assim que se recuperou dessa aventura alucinante é para sua mãe que escreveu primeiro.

Chorei lendo seu bilhete tão cheio de sentido porque a chamei no deserto. Fui tomado de grande cólera contra a partida de todos os homens, contra esse silêncio e chamei minha mãe. É terrível deixar para trás alguém que precisa de nós, como Consuelo, sentimos uma necessidade imensa de voltar para proteger e resguardar. Arrancamos as unhas contra essa areia que nos impede de cumprir nosso dever. Deslocaríamos as montanhas, mas era de você que eu precisava. Era você que tinha que me proteger e me resguardar. E eu a chamava com o egoísmo de uma cabrinha. Foi um pouco por Consuelo que regressei, mas é para você, mamãe, que eu voltei. Você, que é tão fraca, sabia que era um anjo da guarda, tão cheio de bênçãos, que é para você que rezamos à noite. (Trecho da carta de Saint-Ex para Marie)⁵

Esse acidente rendeu-lhe muitas entrevistas e mais fama. Todavia, a proximidade da guerra estava no ar da França.

Entre 1937 a 1939, Exupèry incursionou-se como jornalista independente. Viajou para a Rússia, para a Indochina, para a Espanha. Nesta última, presenciou a guerra espanhola junto aos republicanos. Em 1938, publicou "Terra dos Homens", o que lhe rendeu nos EUA, onde passou uma temporada, o primeiro lugar na lista dos livros mais vendidos, virando um *Best Seller*.

Encalhado numa região de areia espessa eu esperava a aurora. As colunas de ouro ofereciam a lua suas encostas luminosas e encostas de sombras subiam até as linhas de divisão da luz. Eu meditava sobre minha condição perdido no deserto, afastado dos polos de minha vida pelo silêncio. Aqui, não possuía mais nada no mundo. Não era senão um mortal perdido entre a areia e as estrelas. Consciente da única satisfação de respirar. (EXUPÉRY, 2015, p. 69).

Essas obras construíram a lenda Exupéry, dos dias arriscados aos labirintos da solidão humana. A França apresentou ao mundo seu Grande Pequeno Príncipe, piloto, escritor e sonhador.

Com a chegada do verão de 1940, aumentou a insegurança e os pressentimentos sombrios.

Olhamos através da janela um céu calmo. Ouço as galinhas

⁵ Trecho da carta de Saint Exupéry para Marie, extraído do programa de rádio *Conducen Silvie Pirillo y Cristina Zuñinga* – AM 1240. Radio Universidad Historia Literatura. Cartas Personales de Grandes Personalidades de la Historia Universal. Antoine de Saint Exupéry. Letras Intimas. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9VdqIGV8LHK>, acesso em 4 de abril de 2014.

cacarejarem, pois o escritório do comandante está instalado numa fazenda, como a secretaria de uma escola. Não colocarei em oposição o verão, as frutas que amadurecem, os pintinhos que engordam, o trigo que cresce, a morte tão próxima. Não vejo porque a calma do verão estaria em contradição com a morte nem porque a suavidade das coisas seria ironia. Mas, me ocorre uma ideia vaga, é um verão que se deteriora, um verão em pane. (Trecho do Diário de Saint-Ex)⁶

A França passava por sérias crises civis, o que era um prenúncio para Exupéry da quebra dos valores para o materialismo e capitalismo da nova era caminhando para a divisão fratricida dos franceses.

Em dezembro de 1940, o comandante Saint Exupéry foi para os EUA, onde já era famoso por suas obras, com a esperança de convencer os americanos a entrar na luta contra a tirania que abateu sobre a Europa. Sua tristeza era profunda com a pátria francesa.

Saint-Ex vive mal sua estadia nos EUA, continuou obstinado em escrever seu livro intitulado “Cidadela”, antologia inacabada de uma longa parábola filosófica que ele considera a soma de suas reflexões morais e que fora publicada após sua morte a partir de várias notas. Este romance passou por um processo laborioso de escrita, correção e revisão. Antoine era realmente um artesão das palavras e tinha o perfeccionismo como algoz.

Se queres compreender a palavra, é preciso entendê-la como ela é para o ferreiro forjar, para o marinheiro navegar, para o rico enriquecer. Mas, assim, não te diria nada de novo. E, aliás. A felicidade por vezes seria para o rico navegar, para o ferreiro enriquecer e para o marinheiro não fazer nada. Lá se te vai esse fantasma sem entranhas, que tu pretendias em vão agarrar. (EXUPÉRY, 1982, p. 207)

Preocupado com os rumos de sua pátria, com sua carreira, com seu casamento, Antoine nutriu uma tristeza ainda mais profunda.

Foi então que mais uma missão, agora atrelado aos americanos, o piloto e

⁶ Trecho do Diário de Saint Exupéry, extraído do programa de rádio *Conducen Silvie Pirillo y Cristina Zuñinga – AM 1240*. Radio Universidad Historia Literatura. Cartas Personales de Grandes Personalidades de la Historia Universal. Antoine de Saint Exupéry. Letras Intimas. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9VdqjG V8LHK>, acesso em 4 de abril de 2014.

escritor fora mandado. Um novo *raid* acabou noutra acidente, desta vez quase fatal, na Guatemala. Foram meses e meses de recuperação. Oito dias em coma. Antoine saiu com sérias sequelas. É nesse momento que ocorreu a gênese do menininho com cachinhos de ouro que encantará o mundo inteiro, com sua vozinha meiga e cativante, seu olhar penetrante e suas curiosas perguntas acerca de questões que nós, adultos, nem se quer pensávamos.

Nos EUA, Antoine se refugiou numa espécie de exílio voluntário, pois estava extremamente decepcionado com a França que saiu derrotada na Segunda Guerra e para amenizar as sequelas dos acidentes. Exupéry tinha cumprido missões arriscadas, entretanto as julgava como fúteis, as quais geraram um livro intitulado “Piloto de Guerra”, em 1942. Esta obra conta toda a desgraça em que se encontrava a França, além do derrotismo pessoal e obviamente coletivo, pondo o dedo na ferida do exército francês. Nesse livro, há uma gênese do Pequeno Príncipe. É esse piloto de guerra que estava dilacerado pelas crises diplomáticas e pelas crises existenciais, de um homem que ainda queria lutar pela pátria, que sofreu muitos acidentes, que praticamente viu duas grandes guerras ocorrerem, que escreveu o Pequeno Príncipe.

Saint Exupéry sofreu com o que via há alguns anos, a ascensão de uma sociedade cada vez mais materialista, o declínio dos valores que sempre defendeu. A alma deserta de Exupéry se traduziu nas cartas escritas em plena guerra para Marie, sua mãe. As lembranças sombrias de perda de entes queridos e a experiência diante da morte foram colocadas como enredo no livro “Piloto de Guerra”, publicado em 1942.

(...)Não morremos. Imaginamos temer a morte. Tememos o inesperado, a explosão, tememos a nós mesmos. A morte... não. Não há mais morte quando a encontramos. Meu irmão me disse, não se esqueça de escrever tudo isso. Quando o corpo se desfaz o essencial aparece. O homem não é mais do que um entrelaçado de relações. Só as relações contam para um homem. (EXUPÉRY, 2015, p. 56).

Foi nos EUA que conheceu o editor americano Eugéne Reynal, que sugeriu que o Rei Sol escrevesse uma história para crianças. A história de um bonequinho que Antoine não parava de desenhar em todos os lugares, mesmo antes da ideia do livro O Pequeno Príncipe. Seus esboços do protagonista com cachos de ouro

nasceram de seus desenhos em guardanapos e de suas conversas corriqueiras em cafés. A criança interior que vive em mim, dizia Saint-Ex para os que questionavam sobre aquele bonequinho.

Como um dos maiores fenômenos editoriais até os dias de hoje, o Pequeno Príncipe, foi traduzido para mais de 257 línguas. A princípio uma obra para crianças, mas que transcendeu todas as gerações. Esse texto de dimensões reduzidas poderia ser publicado para as festas de Natal de 1942, segundo seu amigo editor.

No início do verão de 1942, Antoine e sua esposa Consuelo, alugaram uma casa em Wesport (Connecticut), EUA, antes de se instalarem no casarão de Bevin House em Northport (Long Island), para fugir da agitação de Nova York. Ele fez aulas de inglês e se concentrou na redação no *The Little Prince* e às ilustrações que dedicou a fazer ele mesmo. Manejava a caneta assim que a noite caía, com grande reforço de café e de cigarros. O livro foi publicado em 06 de abril de 1943 em inglês e em francês.

Em 1943, Saint-Ex deixou os Estados Unidos para unir-se às Forças Francesas Livres na Argélia. Em Nova York, as críticas ao livro foram positivas e o público adulto descobriu uma obra atemporal e sem limites de idade. Depois de anos após sua morte, Hollywood lançou "O Pequeno Príncipe" nas telas dos cinemas do mundo inteiro, foi sucesso de bilheteria e em pleno século XXI é ainda muito disputado nas filas dos cinemas 3D em adaptações e animações.

Apesar de seus 44 anos, idade avançada para um piloto à época, Saint Exupéry conseguiu o direito de executar cinco missões de reconhecimento junto a seu antigo grupo. Mas isso lhe custou muito sofrimento e humilhação.

...Os Bloch 175 de três lugares que a compunham vão ser tornar *Lightnings* de um só lugar, estreitos, onde Saint-Ex, com o corpanzil engordado pelos seus 44 anos, suas roupas forradas e seus couros, encontra dificuldades para entrar. Ele é ajudado, treina, quebra um aparelho e é declarado velho demais para pilotar. Quanta diplomacia, quantas súplicas e quanta teimosia para conseguir voar não para bombardear – Saint-Exupéry tem horror dessas mortandades anônimas -, mas sair em missões de reconhecimento fotográfico. (ZELLER, 2006, p. 24).

Em pleno fim da Segunda Guerra Mundial, encontramos um Exupéry fatigado, moralmente esgotado, mas que ainda amava sua pátria e que estava a postos para lutar por ela até a sua morte. Estampava o silêncio que corroía o piloto. Antes tão

falante, alegre e diplomático. Aos sabores das tragédias que permearam sua vida e as frustrações de sua pátria querida, Antoine não era mais o mesmo. Antes de alçar voo, seus companheiros estranharam seu jeito calado e triste. Saint-Ex não tinha mais os mesmos brilhos nos olhos. A tristeza o corrompia pelas frustrações enquanto piloto e homem.

Levantou voo numa manhã de sol intenso e ofuscante. Ele deveria ter retornado após o meio dia, já que tinha combustível para voar por seis horas. Caiu à noite e seus amigos já não tinham mais esperanças de seu retorno. Mesmo assim, ainda nutriam, pelo amor que sentiam por Saint-Ex, uma centelha de esperança de que havia sido feito prisioneiro ou seu avião fez algum pouso de emergência.

Misteriosamente, Antoine desapareceu sobre o Mediterrâneo durante sua última missão, em 31 de julho de 1944. Meio século depois, no ano de 2008, um bracelete com seu nome gravado foi resgatado do mar de Marselha pelo pescador Jean-Claude Bianco. Este conduziu aos destroços do avião de Antoine, o P-Lightning 38, descobertos e identificados pelo arqueólogo marinho Luc Vanrel. Seu avião fora abatido por um piloto alemão. Seu corpo nunca fora encontrado. Talvez tenha sido levado para o pequeno asteroide habitado pelo Príncipe do Rei Sol ou quem sabe se tornado uma estrela como o pequeno protagonista de sua obra conhecida mundialmente.

Imagem 3 - Edgar Morin



FONTE: site: www.educarparacrescer.com.br

O ENCONTRO: O PEQUENO PRÍNCIPE E EDGAR MORIN

Se me fosse permitido colocar frente a frente Edgar Morin e Saint Exupéry numa mesa de um café, em Paris, quem sabe, ao som de uma bela canção francesa, lápis e papel em suas mãos, numa prosa sobre a complexidade do pensamento humano, com certeza, aos ouvintes presentes ou curiosos de plantão, esse seria um grande encontro.

Como se não se pode realizar esse devaneio, pelo menos o encontro de ideias desses dois ícones do pensamento complexo, faço em meio as minhas poéticas traçadas linhas desse estudo.

Morin afirma contundentemente em sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro* que a humanidade necessita de seres mais receptivos, dotados de sensibilidade, cumpridores de suas obrigações e empenhados nas metamorfoses interiores e exteriores.

Saint Exupéry traz, na figura do Pequeno Príncipe, esse ser que é sensível, receptivo, inquieto diante das certezas pré-concebidas, enfim, um ser da era planetária que sai em busca de suas respostas interiores. Ao se deparar com o Pequeno Príncipe, o piloto descobre um olhar que há muito estava adormecido perante o mundo dos adultos. A criança interior nos leva ao questionamento do que

realmente é essencial. E nos faz indagar o conhecimento pertinente como mola propulsora para a imersão na complexidade humana.

Todo conhecimento permite a ameaça da inexatidão. Estamos rodeados por ilhas de certezas humanas que nos foram passadas de geração a geração através, principalmente, da ciência, como única e detentora do que é exato e inexato, certo e errado, real e ilusório.

Trazendo a baila à educação na modernidade, percebemos a miscelânea de métodos e acepções que norteiam o educar, bem como, a dificuldade do aprender a aprender de forma significativa e multidisciplinar. As disciplinas encontram-se herméticas em suas ilhas de conhecimento, não havendo, portanto um dialogismo, assim farei uma analogia com os planetinhas pelos quais nosso Pequeno Príncipe passou em sua viagem.

A fragmentação do conhecimento torna-se uma máxima das pedagogias que vinham se arrastando até o meio do século XX. Morin nos alerta para a necessidade planetária de uma educação do futuro onde a subjetividade, a afetividade, a criatividade, o ser em sua plenitude existencial sejam levados a sério.

A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constitui-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, ideias, imagens fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão, ou concepção, do mundo exterior. (MORIN, 2011, p. 21).

As pessoas grandes segundo a obra O Pequeno Príncipe, aconselharam nosso narrador-personagem a deixar de lado sua imaginação. A pôr em prática apenas sua utilidade laboral de racionalização. Assim, fechar-se-ia em seu mundo de adulto, pois que a racionalização é enclausurada e incorre nos erros e nas ilusões, caso não tivesse caído naquele deserto e conhecido o Rei Sol.

Ao se deparar com aquele pequenino, os determinismos dos paradigmas e arquétipos existentes em seu mundo, caíram por terra. Começou então uma viagem por dentro de suas certezas que foram impostas uma a uma pela força imperativa das doutrinas e das ideologias preconizadas pela ciência.

É primordial destacar cada planetinha e suas idiossincrasias caricaturadas nos personagens que lá habitavam. Há uma relação intrínseca com o que preconiza Morin sobre a insuficiência presente no paradigma da simplificação. O Pequeno Príncipe não se contentou com isso, foi além do seu minúsculo planeta em busca do inesperado. Não como num conto de fadas em busca de heróis e heroínas, mas em busca de uma viagem existencial.

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar o inesperado... e quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo. (MORIN, 2011, p. 29).

Os personagens que o Pequeno Príncipe conheceu durante sua peregrinação seriam arquétipos da humanidade e da sociedade moderna? Ou seriam apenas seres excêntricos para dar completude a história?

Não é de se estranhar que durante suas incursões sobre os planetinhas, o Pequenino Rei Sol se deparou com o enfraquecimento da visão global do ser humano, transmutado nos personagens como o rei, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios, o acendedor de lampiões, o geógrafo.

A puerilidade na figura do Pequeno Príncipe o faz despreocupar-se diante da imponência e arrogância do primeiro personagem, o Rei, não de forma proposital, mas de forma simples e meiga. A prepotência do Rei mandão pode ser ilustrada com a prepotência dos dogmas inibidores do pensar além, da força coercitiva que a ciência nos impõe com seus valores absolutos e sua racionalização. Para o Rei todos são seus súditos e devem curvar-se diante de suas ordens.

- Exato. É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar – replicou o rei. – A autoridade se baseia na razão. Se ordenares a teu povo que ele se lance ao mar, todos se rebelarão. Eu tenho o direito de exigir obediência porque minhas ordens são razoáveis. (EXUPÉRY, 2009, p. 38).

As leis deterministas de Newton formaram o alicerce das certezas perenes da ciência. A separação e decomposição dos fenômenos e de seus elementos, sob a ótica da análise e do estudo, disjuntou as partes da ciência e, portanto, separou as

disciplinas. Desse modo, a Filosofia, mãe de todas as ciências, ficou fora dos estudos científicos, anulada e acomodada como algo de pouco valor. As Artes se aliaram ao mercado consumidor da estética visual. Essas disciplinas foram relegadas a segundo plano e posicionadas como descontextualizadas da ciência.

Esse recorte das disciplinas impede a articulação e a organização dos conhecimentos de forma multidimensional. Os habitantes dos planetinhas são os retratos fiéis desse retalhamento. Cada qual com sua função, dentro de suas verdades cabais e irremediáveis. Não cabem questionamentos nem contextualizações.

O Rei exige, cobra, não admite argumentações, é o modelo negativo da ciência, onde domina os fenômenos e suas observações. Entretanto, Morin nos propõe o conhecimento pertinente como forma de enfrentar a complexidade. E este deve se dar por meio do educar-se e do reeducar o olhar para o mundo.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência, a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2011, p. 37).

Se quisermos nos livrar das amarras da cegueira do conhecimento temos antes de tudo de nos livrar das percepções fragmentadas de nós mesmos. Fomos doutrinados desde a infância a atrofiarmos as nossas mentes utilizando-nos da nossa inteligência de forma parcelada, reduzida a princípios estipulados pelo pensamento tecnocrático e cerceador da chamada “inteligência geral”, segundo Morin. Esta deve estar “apta a referir-se ao complexo, do contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global”. (MORIN, 2011, p. 36).

A educação mercadológica imposta pelo neoliberalismo tem como objetivo atingir um fim: a aprovação e inserção imediata no mercado de trabalho a fim de obtenção de lucratividade. A compartimentalização do conhecimento e a supervalorização de uma dimensão humana acaba anulando outras. Não há lugar para as inteligências múltiplas nem o desenvolvimento das potencialidades humanas.

O monopólio da ciência enseja uma visão deteriorada e sob apenas uma ótica dos problemas humanos, impulsionando o indivíduo ao pseudoconhecimento, numa perspectiva maniqueísta da realidade. A figura do Rei encerra a inteligência cega, inconsciente e irresponsável, uma vez que a relação dialética entre dominador e dominado retroalimenta a ignorância e a apatia. O autoritarismo esconde sob o manto do poder a fragilidade do ser humano em dominar a si mesmo, suas paixões e suas fraquezas. Ocorre, portanto, uma pseudofuncionalidade do saber. As aptidões naturais são mutiladas no caos da modernidade.

Vivemos hoje tempos de incerteza. Sabemos que a ciência está imersa num grande paradoxo multiplicador. Ao lado do seu fanático progresso, há também a superespecialização disciplinar que torna os saberes incomunicáveis entre as distintas áreas do conhecimento. Cada um de nós sabe muito bem sobre um tema, um fenômeno e uma forma de fazer, mas desconhece o entorno no qual está inserido e do qual depende o tema, o fenômeno, a prática. (ALMEIDA, 2005, p. 30).

O Príncipezinho não se encanta pela postura dominadora do Rei e o fim dessa conversa recai sobre a pena de morte que oculta o poder descontrolado de um monarca esquisito. “As pessoas grandes são muito esquisitas”, pensava o Pequeno Príncipe durante a viagem. (EXUPÉRY, 2009, p. 39).

No segundo planeta, o Príncipezinho se deparou com o Vaidoso, homem com um quê narcisista e que de imediato causou estranheza no pequenino. A empáfia do Vaidoso nos remete a empáfia do pensamento reducionista que por tanto tempo restringiu a complexidade humana e tornou o homem uma marionete concebida fora do cosmos.

O Vaidoso é tão cheio de si mesmo que logo o Pequeno Príncipe se cansa e sai em sua viagem galáctica. A ciência por anos ficou tão cheia de si mesma que urgiu a necessidade de uma educação voltada para o alvitramento dos conhecimentos originários das ciências naturais de forma a assentar a condição humana e sua complexidade no mundo. O Vaidoso sempre existirá, mas cabe à educação libertar a espécie humana de serem míopes mentais.

Este desafio de complexidade exige uma reeducação dos princípios de interdependência entre os saberes e suas visões de interatividades. Não há saberes indissociáveis. Todos estão numa teia. Na nossa era planetária somos filhos do cosmos. Não podemos nos separar dele. Somos filhos da complexidade.

Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste “além” que tem lugar a plenitude da humanidade. (MORIN, 2011, p. 46,47).

Na terceira pousada, o Pequeno Príncipe descobriu na figura do bêbado a necessidade das pessoas adultas se esconderem em subterfúgios, de modo que quanto mais problemas surgem de forma multidimensional, mais reducionista se torna o conhecimento. A divisão das ciências trouxe-nos o esfacelamento do saber. Não sabemos pensar sobre o complexo se não o reduzirmos ao simples. Sem decompor as partes. Sem erradicar as incertezas.

No quarto planeta, o garotinho encontra um Homem de Negócios, que nem sequer ergueu à cabeça para cumprimentá-lo. Não pretendeu desviar sua atenção, somente se ateve as contas, a exatidão dos números.

Em tais condições, isso nos remete ao nosso sistema educacional, uma vez que a exatidão dos currículos herméticos, descontextualizados é jogada aos nossos alunos como saberes pertinentes, vez que não o são, pois não há utilidade em seus cotidianos. O conhecimento só é pertinente se estiver contextualizado dentro da complexidade que lhe dá vida. A relação deve ser estabelecida entre as informações e suas circunstâncias, bem como, o poder de contextualizar os problemas enfrentados conduz o ser humano a responder as inquietações humanas, favorecendo a incorporação dos conhecimentos pertinentes.

O espírito questionador do Pequeno Príncipe não se contentou com as respostas cruas e vazias do Homem de Negócios. Havia naquele homem um pouco do bêbado. Uma fuga do que é complexo. Uma válvula de escape da lógica e da exatidão.

No entanto, fez ainda algumas perguntas.

- Como pode a gente possuir as estrelas?
- De quem são elas? – respondeu, exaltado, o empresário.
- Eu não sei. De ninguém.
- Logo, são minhas, porque pensei nisso primeiro.
- Basta isso?
- Sem dúvida. Quando achas um diamante que não é de ninguém, ele é teu. Quando achas uma ilha que não é de ninguém, ela é tua. Quando tens uma ideia antes dos outros, tu a registras: ela é tua.

Portanto, eu possuo as estrelas, pois ninguém antes de mim teve a ideias de as possuir. (EXUPÉRY, 2009, p. 46).

Qual a utilidade desse pertencer? Qual a utilidade do trabalho de contá-las? Qual a utilidade desse saber? O desconforto do erro é acentuado pelo surgimento do conceito de verdade, quando o indivíduo que supõe apreendê-la torna-se irremediavelmente insensível às ilusões e aos erros existentes em suas ideias e conceitos. Tudo que não cabe dentro de suas acepções está fora de seu sistema de verdade.

O Homem de Negócio não percebe que sua verdade é ao mesmo tempo frágil e rúptil. Ele não compreende que é exatamente aí que está sua magnitude. A verdade deve ser encarada como frágil e passível ao erro e a ilusão. O desenvolvimento de saberes que adentrem além do mundo físico faz-se mister para a descoberta da plenitude humana e que consigam enxergar a dissociação dos problemas e a falibilidade da verdade.

Neste momento, o Pequeno Príncipe inquieta-se mais uma vez perante o resultado inútil, embora poético, de se contar as estrelas. A inclinação para o possuir é com certeza característica ímpar das sociedades capitalistas que veneram o ter em detrimento do ser. Nosso sistema de ensino desconsidera a contextualização em detrimento das especificidades do saber compartimentado, porque este último é mais fácil de decifrar.

Para o Pequeno Príncipe, havia nas estrelas apenas estrelas. Elas não serviam para acumular riquezas. Nada de contar, contar, contar sem nenhuma funcionalidade. Ele não compreendia de economia, de contabilidade, de números. Ele compreendia apenas que aquelas estrelas tinham a função de brilhar, cintilando no cosmo o que o cosmo havia lhes dado: a luz. Ele tinha a consciência real da funcionalidade das estrelas, já que pertenciam ao universo.

- Possuo uma flor que rego todos os dias. Possuo três vulcões que revolvo toda semana. Porque revolvo também o que está extinto. A gente nunca sabe! É útil para os meus vulcões, é útil para a minha flor que eu os possua. Mas tu não és útil às estrelas...
O empresário abriu a boca, mas não encontrou nenhuma resposta, e o príncipezinho se foi...
“As pessoas grandes são mesmo extraordinárias”, repetia para si durante a viagem. (EXUPÉRY, 2009, p. 47).

E voou. Desta vez para o quinto planeta, o menor de todos. Lá encontrou o Acendedor de Lâmpadas. Continuou sem entender a inutilidade da tarefa que aquele solitário homem realizava. Diante disso, o Pequeno Príncipe questiona-o ao passo que ouve uma resposta contundente. – É o regulamento. Aquele homem é escravo das normas as quais fora acorrentado não se sabe como, quando e por quem. Tornou-se uma vítima da automatização. Desumanizou-se.

O século XX foi o da aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz guerra, massacre, deportação, fanatismo. A segunda, gélida, anônima, vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poderio da morte e da servidão técnico-industriais. (MORIN, 2011, p. 61).

A cultura científica solidificou a inteligência geral. As normas e os ditames incrustados nos sistemas de ensino fizeram com que as áreas do conhecimento se isolassem em ilhas e não permitiram a transcendência do pensar e refletir o destino do homem nem mesmo se questionar o que seria da ciência num futuro bem próximo. A cultura das humanidades foi banida sutilmente para debaixo do tapete, de forma a reduzir-se a um quê apenas estético. Ambas não se conversavam. Estavam isoladas em arquipélagos de incertezas, como afirma Morin.

O que isso acarretou? A intercorrência da normatividade, do pragmatismo, levou o saber a um patamar de privilégio de poucos e um pacote pronto a ser seguido. “É o regulamento”, como afirma o Acendedor de Lâmpadas. Somente aos especialistas coube o saber. O homem comum apenas cumpriu o regulamento.

O não questionamento diante das certezas existentes nos sistemas e nos regulamentos imperativos levou a construção de um homem obtuso, alienado, dissociado do cosmo. A falta de um método que conduza a reforma do ensino e, portanto, do saber fez com que se perpetue a objetividade cortante bem como a faca afiada da fragmentação humana. Morin afirma o seguinte:

A noção de sujeito é uma noção ao mesmo tempo evidente e misteriosa. É uma evidência perfeitamente banal, uma vez que qualquer um diz “Eu”. Quase todas as línguas têm essa primeira pessoa do singular; se não têm o pronome, têm pelo menos o verbo na primeira pessoa do singular, como em latim. E há uma segunda evidência reflexiva, revelada por Descartes: Não posso duvidar que duvido; logo, eu penso. Se penso, logo, eu sou, isto é, eu existo na primeira pessoa como sujeito. Então surge o mistério: o que é este

“eu” e este “sou”, que não é simplesmente “é”? O sujeito aparece na reflexão sobre si mesmo e conforme um modo de conhecimento intersubjetivo, de sujeito a sujeito, que podemos chamar de compreensão. Contrariamente, ele desaparece no conhecimento determinista, objetivista, reducionista sobre o homem e a sociedade. De alguma forma, a ciência expulsou o sujeito das ciências humanas, na medida em que propagou entre elas o princípio determinista e o princípio redutor. O sujeito foi expulso da Psicologia, expulso da História, expulso da Sociologia; e, pode-se dizer, o ponto comum às concepções de Althusser, Lacan, Lévi-Strauss foi o desejo de liquidar o sujeito humano”. (MORIN, 2003, p. 110).

Esse sujeito tão arduamente dissertado por Morin é requerido a partir da reflexão deste como ser biológico. Entretanto, é necessário salientar que o indivíduo é a autoafirmação do “eu”, da subjetividade, isto é, onde ele é plenamente ele mesmo. Há para Morin dois aspectos fundamentais desse sujeito que precisam ser levados em consideração. Há um “eu” que é “eu” e que está no princípio do egocentrismo, o “eu” colocado no centro do mundo, no agir pelo pleno interesse pessoal; felizmente, há um segundo princípio antagonista que se encontra no indivíduo e que se manifesta desde o nascimento, ou seja, a necessidade do outro, de sorrir, de ser acalentado, a necessidade de estar em um “nós”, de estar em comunidade, um “nós” que está na alteridade e nas relações amorosas estabelecidas pelo sujeito. Em se tratando de indivíduos e havendo um mínimo de autonomia cerebral, estes não são somente um produto de um processo de reprodução, mas os protagonistas desse processo. Não somente os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade está no interior deles; não somente os indivíduos estão no espaço, mas o espaço está no interior deles.

Assim, a identidade se define de forma dupla, a primeira é subjetiva, ou seja, “eu”, de forma irreduzível e ímpar. A segunda é comunitária. É a sensação de pertencimento a uma comunidade. Isso reforça, portanto, a consciência da unidade e da multiplicidade da identidade humana, e que a identidade não pode ser reduzida a uma visão simplista, pois que é complexa.

Na atual conjuntura não cabem mais modelos prontos e acabados, os quais também não mais cabem quaisquer questionamentos. A humanidade começou a entrar, nos meados do século XX, num processo de mudança de paradigmas. Estamos imersos numa época de indagações acerca da insuficiência da velha ciência pautada no reducionismo, na compartimentalização e na fragmentação do

conhecimento. Faz-se necessário romper com essa estrutura estratificada de disciplinas que repele o sujeito, tornando o aprendente descontente e iludido, uma vez que suas aptidões naturais são vendidas num mercado sem utilidade e nem funcionalidade. O Acendedor de Lampiões é a máxima da rotina da inutilidade e da renúncia explícita da integralidade do ser.

O Pequeno Príncipe viu naquele homem um possível amigo, mas sua obediência extrema ao regulamento não lhe convenceu. E o pequenino partiu para um sexto planeta. Lá encontrou o Geógrafo. O príncipezinho acreditou que havia finalmente encontrado um profissional de verdade. A causalidade presente naquele cientista-geógrafo, não importa qual seja seu objeto de estudo, faz com que nos lembremos dos cientistas da educação que não saem de seus gabinetes e de suas mentes herméticas, estagnadas em suas certezas infrutíferas.

A frieza das Ciências Positivas resfriou o olhar do Geógrafo para o mundo. Em seu habitat não há lugar para as ações interiores e para complexidade do cosmos. No diálogo travado entre o Pequeno Príncipe e o Geógrafo revela-se uma crítica ao pensamento ocidental que pôs de lado a alma do corpo. A explicação lógica para os fatos, alicerçada no pressuposto cartesiano, *penso logo existo*, tem no Geógrafo o materialismo patente do poder exercido pelo positivismo no nosso sistema educacional, vez que a cognição é puramente analítica, razoavelmente apreensível, como numa aula de dissecação humana, técnica e descontextualizada. Apresenta-se assim, certo desequilíbrio entre as várias dimensões do humano.

- Oh! Onde eu moro – disse o pequeno príncipe – não é interessante: é muito pequeno. Eu tenho três vulcões. Dois em atividade e um extinto. Mas gente nunca sabe...
- A gente nunca sabe – repetiu o geógrafo.
- Tenho também uma flor.
- Nós não anotamos as flores – disse o geógrafo.
- Por que não? É o mais bonito!
- Porque as flores são efêmeras.
- Que quer dizer “efêmera”?
- Os livros de geografia – disse o geógrafo – são os mais exatos. Nunca ficam ultrapassados. É muito raro que uma montanha mude de lugar. É muito raro um oceano secar. Nós escrevemos coisas eternas. (EXUPÉRY, 2009, p. 54).

O homem assistiu desde a Revolução Industrial e o Iluminismo a preponderância do *Homo Sapiens* e do *Homo Faber*, a supremacia dos valores de produção, de consumo, de acumulação que vem colocando o “ter” no âmago do

projeto de existência de cada um de nós. De sorte isso nos sufocou, estrangulou-nos e nos coagiu a limitar a expressão dos valores éticos, culturais e de solidariedade. De fato, o grande perigo da nossa época recaiu exatamente em dar total ênfase nos juízos de valores. Os problemas da educação não podem ser reduzidos a números e serem desossados em partes estanques. Não se pode afirmar que somente com o desenvolvimento do pensamento científico se resolverá todos os demais problemas da educação e conseqüentemente da humanidade. Essa é uma ideia redutora e simplista.

Com isso não se quer afirmar que a racionalidade não é uma ferramenta excelente, o problema ocorre quando ela deixa de ser racional quando se torna muito abstrata. O pensamento racional tem que ter emoção. Não se deve pensar a ciência apenas por um viés, o da razão fria. O Geógrafo ganhou em racionalidade o que perdeu em sentimento e paixão, sobretudo no amor, pois além de *Homo sapiens*, *Homo faber*, somos *Homo ludens*, *Homo poeticus*.

Se tivermos essa definição aberta do ser humano, levaremos em conta toda a dimensão humana. Mas, se ela continuar sendo fechada, reducionista e pautada apenas na economia, a perderemos.

O Pequeno Príncipe compreendeu aquela gente grande era realmente muito esquisita e que precisava seguir adiante, já que ainda não havia encontrado suas respostas. Precisava encontrar a humanidade adormecida. E partiu por sugestão do Geógrafo para o planeta azul o qual gozava de grande reputação.

O planeta azul não parecia tão azul assim para o Pequeno Príncipe em seus primeiros momentos de estadia, pois ele tinha aterrissado em pleno deserto do Saara, em continente africano. Uma solidão inimaginável tomou conta do nosso Rei Sol. Não era o planeta cheio de pessoas? – indaga o pequenino. O primeiro ser vivo que encontrou foi a Serpente. Nesse diálogo ele aprende uma dura lição. O maior de todos os desertos está exatamente entre os homens.

Morin afirma que a normalização da vida é um perigo. Os humanos deixaram-se desumanizar-se. A automatização do saber, das disciplinas, do ensino, criou uma falsa realidade da percepção. O que é real aos nossos olhos não é exatamente o real.

... é nas certezas doutrinárias, dogmáticas e intolerantes que se encontram as piores ilusões; ao contrário, a consciência do caráter incerto do ato cognitivo constitui a oportunidade de chegar ao conhecimento pertinente, o que pede exames, verificações e

convergência dos indícios; assim, nas palavras cruzadas, atinge-se a precisão para cada palavra na adequação, ao mesmo tempo, de sua definição e sua congruência com as outras palavras que contêm letras comuns... mas a vida, diferentemente das palavras cruzadas, compreende espaços sem definição, espaços com falsas definições e, sobretudo, a ausência de um quadro geral fechado; é somente aí que se pode isolar um quadro e tratar os elementos classificáveis, como no quadro de Mendeleiev, que se pode alcançar certezas. Uma vez mais repetimos: o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas. (MORIN, 2011, p. 75).

Estamos num momento de gênese, de metamorfose do pensamento e nesse instante também comporta destruição e derrubada de muros que impõem as viseiras do conhecimento cego. Desde meados do século XX, ainda timidamente, está ocorrendo a civilização das ideias. Consideramos as ideias instrumentos conceituais para conhecer o mundo. Isto é uma verdade. Todavia, é preciso ver também que existem ideias, grandes ideias que, alimentadas por nosso espírito, e pelos de uma comunidade, adquirem uma força autônoma e se autonomizam relativamente. É óbvio que se autonomizam na medida em que as alimentamos com a fé.

O reconhecimento dessa complexidade nos mostra que temos de tentar não ser esmagados por nossas ideias e sim, estabelecer um diálogo com elas, pois não podemos abrir mão delas. Temos que criticar as ideias oponentes com outras que têm de ser críticas e reflexivas.

A complexidade começa a promover um diálogo entre o ser e sua ideia. A inter-relação do homem com o cosmo é o cerne para se compreender a complexidade. O pensamento complexo é vital para evitar a cegueira que, na época atual, pode ser muito perigosa para a Humanidade.

O Pequeno Príncipe, com toda sua inocência pueril, subestima a Serpente e segue adiante em sua viagem no que encontra uma flor de três pétalas, insignificante naquele deserto.

- Bom dia – disse o príncipe.
- Bom dia – disse a flor.
- Onde estão os homens? – perguntou ele educadamente.
- A flor, um dia, vira passar uma caravana:
- Os homens? Eu creio que existem seis ou sete. Vi-os faz muito tempo. Mas não se pode nunca saber onde se encontram. O vento os leva. Eles não têm raízes. Eles não gostam das raízes.
- Adeus – disse o príncipezinho.
- Adeus – disse a flor. (EXUPÉRY, 2009, p. 60).

Urge hoje a necessidade de unir as culturas humanísticas, a da filosofia, das artes, das letras, pois que são fundamentais na discussão dos problemas existenciais. As culturas científicas nos dão também importantes contribuições repartindo os problemas e analisando-os. Mas, nunca poderemos deixar de lado nossas raízes ou privilegiar uma forma de cultura em detrimento de outra. Faz-se necessário ensinar sobre a compreensão subjetiva e objetiva do mundo. Atentarmos para a intercomunicação entre a cultura científica e a humanista, como se fazia há séculos atrás na Grécia antiga. Os saberes se conversavam, não eram descontextualizados, havia um dialogismo entre as Ciências e as Artes e a Filosofia eram seu carro chefe.

A educação para o desenvolvimento de talentos e potencialidades tornou-se uma necessidade devido à própria mundialização das atividades do homem, reaprendendo a condição humana.

Nós temos tratado o ser humano ao longo da história de forma simplista, classificando-o de acordo com fenômenos econômicos. Isto tem distanciado a nossa compreensão da nossa própria essência na complexidade. Somos seres naturais, políticos, morais, físicos, culturais, espirituais, entre outros, compondo nossa multidimensionalidade. Portanto, o enraizamento que nós temos com o aspecto biológico do ser humano é proveniente do cosmos físico. Somos seres planetários. A partir da cultura, promovemos o ir além dos aspectos físicos e nos unirmos ao histórico e ao cultural de forma a compor nossa unidualidade.

Um dos encontros seguintes do Pequeno Príncipe é com um jardim repleto de rosas. O tema diversidade assume nesse capítulo uma peça chave na compreensão da condição humana. Os sistemas de ensino não conseguem respeitar a individualidade na diversidade e vice versa. Todo indivíduo constitui-se um cosmo, como afirma Edgar Morin. A rosa do Pequeno Príncipe, a qual tinha deixado em seu planetinha, não compreendia sua individualidade em meio à diversidade, pois que era egoísta em seu conhecer.

- Bom dia! – disse ele.
 Era um jardim cheio de rosas.
 - Bom dia! – disseram as rosas.
 Ele as contemplou. Eram todas iguais à sua flor.
 - Quem sois? – perguntou ele, espantado.
 - Somos as rosas – responderam elas.
 Ah! – exclamou o príncipezinho...

E ele se sentiu extremamente infeliz. Sua flor lhe havia dito que ela era a única de sua espécie em todo o universo. E eis que havia cinco mil, iguaizinhas, num só jardim! (EXUPÉRY, 2009, p. 62).

Morin confirma que a comunicação não é a única garantia da compreensão. Foi o que ocorreu com o pequenino. Sua rosa havia lhe dito que era a única no mundo. E sua decepção foi tamanha que ele sentou-se na relva e chorou, pois a ideia de que ele era um príncipe poderoso caiu por terra. Não percebera que agia egoisticamente como a rosa.

Em nossos encontros e desencontros com o conhecimento nos sentimos como o Pequeno Príncipe. A compreensão de que somos humanos, falíveis, imperfeitos, só nos é concedida quando nos colocamos como tais diante de nossos alzozes e reconhecendo no outro, nós mesmos. Por meio disto, precisamos ter a compreensão da onipresença do erro.

... Seria preciso ensinar, de maneira contínua, como cada um produz a mentira para si mesmo, ou *self-deception*. Trata-se de exemplificar constantemente como o egocentrismo autojustificador e a transformação do outro em bode expiatório levam a essa ilusão, e como concorrem para isso as seleções da memória que eliminam o que nos incomoda e embelezam o que nos favorece (seria o caso de estimular a escrita de um diário e a reflexão sobre os acontecimentos vivenciados).

Finalmente, seria preciso demonstrar que a aprendizagem da compreensão e da lucidez, além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada (regenerada). (MORIN, 2006, p. 53).

Essa citação encerra a contínua preocupação em reformar o pensamento associando o linear ao complexo.

Depois desse encontro, O Pequeno Príncipe conhece uma personagem intrigante, porém cativante: a Raposa. A amizade entre o Piloto e o Pequeno Príncipe é brindada com a figura da Raposa. Todos nós conhecemos de cor essa passagem. Mas se permitem com a poeticidade em que é narrada, não posso deixar de transpô-la.

O pequenino depara-se com uma raposa do deserto e fica encantado com aquele estranho ser. Novos sentimentos saltaram daquele estranhamento: a descoberta do novo, a ingenuidade, a ternura, a amizade. E num desnudar da alma, o Pequeno Príncipe a convida para brincar. A resposta da Raposa dá início à chamada por Morin, ética da solidariedade, da compreensão e do gênero humano.

- Vem brincar comigo – propôs ele. – Estou tão triste...
 - Eu não posso brincar contigo – disse a raposa. – Não me cativaram ainda.
 - Ah! Desculpe – disse o príncipezinho.
- Mas, após refletir, acrescentou:
- Que quer dizer “cativar”?
 - Tu não és daqui – disse a raposa. – Que procuras?
 - Procuo os homens – disse o Pequeno Príncipe.
 - Que quer dizer “cativar”?
 - Os homens – disse a raposa – têm fuzis e caçam. É assustador! Criam galinhas também. É a única coisa que fazem de interessante. Tu procuras galinhas?
 - Não – disse o príncipe. – Eu procuro amigos. Que quer dizer “cativar”?
 - É algo quase sempre esquecido – disse a raposa. – Significa “criar laços”... (EXUPÉRY, 2009, p. 65, 66).

E a Raposa com toda sua esperteza revela o que é a amizade:

- Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (EXUPÉRY, 2009, p. 66).

O sentido da vida humana se constrói no desenvolvimento de leis naturais específicas que nos são imanentes, cuja estrutura se fundamenta na ética e na solidariedade.

Edgar Morin em sua obra *Educação e Complexidade* nos remete a ideia de que é o amor que introduz a profissão pedagógica, a verdadeira missão do educador. Não se pode falar de reforma do pensamento e do ensino se antes não se falar da figura primordial do educador.

Ensinar é um caminho ao encontro do outro, desvelando a sua condição de sujeito. A Raposa nos mostra esse caminho. O menino não a compreende bem, mas aos poucos vai absorvendo tão bela lição, pois que ele está totalmente aberto ao aprender como toda e qualquer criança. Os dois personagens foram cativados um pelo outro. Estabeleceu-se assim uma relação de confiança entre ambos.

O começo de uma civilização planetária é estabelecido por meio do educar-se. Tornar-se um cidadão planetário é mais do que instruir-se. É transformar-se. É

regenerar-se crítica e conscientemente. Desde a hominização ao desenvolvimento da sociedade-mundo vemos que segundo Morin:

... todo ser humano carrega, de modo cerebral, mental, psicológico, afetivo, intelectual e subjetivo, os caracteres fundamentalmente comuns e, ao mesmo tempo, possui as próprias singularidades cerebrais, mentais, psicológicas, afetivas, intelectuais, subjetivas. (MORIN, 2011, p. 50).

Portanto, a reforma do ensino perpassa pela reforma de como o educador está sendo formado e reformado. As universidades e as escolas, como centros do saber, precisam passar por reformas em seus currículos, colaborando nos esforços para a compreensão da condição humana e colocando-a como alicerce de seus estudos em sua multidimensionalidade.

A unidimensionalização do saber presente na academia e na escola está explícita em seu caráter burocrático e quantitativo. Assim, a reforma do pensamento e o estabelecimento de um cidadão planetário dentro da educação não ocorrerão enquanto não forem reformadas as mentes que dirigem e que atuam diariamente essas instituições.

Infelizmente, o sistema educacional ainda não consegue acompanhar o turbilhão em desenvolvimento chamado Planeta Terra. Esse desenvolvimento está ocorrendo de forma desorganizada desrespeitando a ideia de sermos cidadãos planetários. Sendo assim, o que se preconiza nos currículos escolares não é um pensamento policêntrico, onde a Terra é a nossa pátria.

Infelizmente, a revolução das recomposições multidisciplinares está longe de ser generalizada e, em muitos setores, sequer teve início, notadamente no que concerne ao ser humano, vítima da grande disjunção natureza/cultura, animalidade/humanidade, sempre desmembrando entre sua natureza de ser vivo, estudada pela biologia, e sua natureza física e social, estudada pelas ciências humanas. (MORIN, 2006, p. 30).

A reforma do pensamento ganha relevância ímpar nesse século, pois com relação ao pensamento que nos é transmitido e que nos ensina a separar, precisamos de um pensamento que saiba juntar. É preciso criar ferramentas conceituais, métodos e, portanto, uma reforma do ensino.

A função da educação vai muito mais além do que modelos econômicos. A mundialização neoliberal tende a sepultar as potencialidades do homem, enaltecendo técnicas e inteligências separadas do todo. Indo de encontro a tais premissas, a educação do futuro busca preparar o homem para descobrir-se enquanto sujeito do mundo realizando suas vocações e contribuindo para a saúde planetária. Sua participação como cidadão do mundo é muito mais importante quanto à restrição de sua funcionalidade.

A retroalimentação pedagógica está intrinsecamente ligada à visão de mundo do educador. Se este possui em sua prática a compartimentalização do saber, dificilmente seu aprendiz será um ser capaz de ter um pensamento complexo. Mas, se sua prática estiver centrada na dialogicidade como ação constante no dinamismo da vida, o despertar da consciência global se dará com mais prazer e significado. Igualmente, a docência sem vitalidade transforma a escola num cemitério de inteligências múltiplas assassinadas e enterradas no enciclopedismo limitado.

A Raposa é a demonstração de como o docente deve encaminhar sua prática pedagógica. O “cativar” é a audácia de despertar o aprendiz de seu estado de letargia social. A evocação de seu senso de avaliação do mundo, sua criticidade perante os problemas com respaldo cultural alicerçam o processo de autocrítica, onde o sujeito está dentro do cosmo e dele não se exclui. A exemplo, Edgar Morin comenta sobre a postura da Filosofia e de como o educador deve assumir essa postura:

A filosofia, ao contribuir para a consciência da condição humana e o aprendizado da vida, reencontraria, assim, sua grande e profunda missão. Como já acusam as salas e os bares de filosofia, a filosofia diz respeito à existência de cada um e à vida quotidiana. A filosofia não é uma disciplina, mas uma força de interrogação e de reflexão dirigida não apenas aos conhecimentos e à condição humana, mas também aos grandes problemas da vida. Nesse sentido, o filósofo deveria estimular, em tudo, a aptidão crítica e autocrítica, insubstituíveis fermentos da lucidez, e exortar à compreensão humana, tarefa fundamental da cultura. (MORIN, 2006, p. 54).

O educador quando compreende sua missão, quando ama o que escolheu cativa o aluno. E no cativar reside o caminho para a libertação do conhecimento cego. É no amor que está a fonte do aprender. O Pequeno Príncipe foi cativado e ao se separar dele a Raposa sentiu uma imensa tristeza. O pequenino viajou sete planetinhas e somente no último compreendeu o que é amizade. E foi rever as rosas

entendendo agora que a sua rosa era única para ele, especial, pois que tinha lhe cativado.

Ao se despedir da Raposa um segredo lhe foi revelado. A frase mais célebre de Saint Exupéry. Em nenhuma outra obra literária o autor obteve tamanha notoriedade. O segredo da Raposa alcançou a humanidade, tornou-se cidadã do mundo “Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.

A educação deve mergulhar no invisível. Ir além do que se é posto e dito como real. É preciso reaprender a ver o mundo, enxergá-lo com os olhos das Artes que reatam o elo ontológico. A realidade tornou-se um clichê engendrado pela massificação do saber, assim afirma Morin:

Dessa forma, a realidade não é facilmente legível. As ideias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade – e podem traduzir de maneira errônea. Nossa realidade não é outra senão nossa ideia de realidade. Por isso, importa não ser realista no sentido trivial (adaptar-se ao imediato), nem irrealista no sentido trivial (subtrair-se às limitações da realidade); importa ser realista no sentido complexo: compreender a incerteza do real, saber que há algo possível ainda invisível no real. Isto nos mostra que é preciso saber interpretar a realidade antes de reconhecer onde está o realismo. (MORIN, 2011, p. 82).

A educação precisa mergulhar nessa empreitada de tornar o conhecimento capaz de inserir o sujeito como protagonista da história e não apenas um coadjuvante que vê o tempo passar, sem agir sobre ele.

Ser um cidadão planetário somente se revelará quando os conhecimentos do mundo trouxerem, afora uma visão do conhecimento científico, uma paixão humana em transcender a visão esfacelada que norteou nossos arquétipos educacionais. Enquanto nossos professores e alunos não se convencerem de que são partes importantes do cosmos, que pertencem ao mundo em toda sua complexidade, não conseguirão estabelecer bases sólidas de solidariedade e fraternidade.

E o nosso príncipezinho continuou sua caminhada pela Terra. Encontrou um manobreiro que despachava os trens e as pessoas. Estas últimas tornaram-se escravas de suas rotinas e numa espécie de simbiose tornaram-se máquinas de si mesmas. A exceção reside nas crianças que espremem seus pequenos narizes contra a vidraça para contemplarem o mundo que as cercam. Ou como afirma Morin, as crianças são *experts* em desvendar a poesia da vida.

- Só as crianças sabem o que procuram – disse o príncipezinho. – Perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando ela lhes é tomada...
- Elas são felizes... – disse o manobreiro. (EXUPÉRY, 2009, p. 73).

Ainda encontrou com o vendedor de pílulas que aplacavam a sede. Quantos de nós em nossa jornada educativa nos deparamos com pessoas que tentam “roubar” nosso tempo, tentando usurpar nosso direito de conhecer, de saber, de se libertar? O príncipezinho não compreendia que diante de um planeta tão belo se pudesse perder tempo de não viver, de não contemplar as estrelas, de não presenciar o pôr-do-sol e as luas cintilantes, de se deitar na relva com os amigos, de conversar sobre coisas que realmente são importantes: a vida.

O Pequeno Príncipe e o Piloto saem em busca de água para saciar a sede. E eis que o pequenino em sua sapiência infantil diz “A água pode também ser boa para o coração...” E o Piloto compreendeu isso quando se deparou com um poço em meio aquele deserto. Todo deserto tem um poço de água escondido. Basta descobri-lo. Essa metáfora de Exupéry nos leva a questão que a felicidade contínua não existe, a felicidade, segundo Morin, está em favorizar tudo o que pode permitir a cada um viver poeticamente sua vida, e, se se vive poeticamente encontram-se momentos de felicidade, momentos de êxtase e de alegria, ou seja, encontra-se a poesia da vida. O Piloto descobrira no Pequeno Príncipe a poesia da vida.

No caos da modernidade, com o esvaziamento dos valores e do bem comum, surge em meio ao deserto da educação, um poço de água potável, como o do livro O Pequeno Príncipe, capaz de estabelecer uma ética metacomunitária em prol do ser humano. A possibilidade de regeneração do verdadeiro estudo perpassa pela condição humana. Devemos considerar o “ensino educativo”, segundo Morin, evocar uma pedagogia que religue as áreas do saber preparando o indivíduo para a vida.

A transdisciplinaridade está justamente na sua capacidade de transcender as barreiras dos diversos saberes em busca da totalidade integrada dos conhecimentos do mundo real. Destarte, o pensamento complexo proposto por Morin indicaria caminhos para o acréscimo do saber, salvando da extirpação do conhecimento, instigando a criação do conhecimento, a exegese das ambivalências, o sabor de multidimensionalidade do real. “- Mas os olhos são cegos. É preciso ver com o

coração...” Essa lição do Pequeno Príncipe, embebida na puerilidade de uma criança, nos faz evocar nossa criança interior que ao se deparar com o mundo desvenda-o, contempla-o, ama-o como se fosse único para ele em suas especificidades e suas complexidades. Apenas mergulha em busca do conhecer no mar das certezas e das incertezas.

Imagem 4 - Antoine de Saint-Exupéry



*"Todas as pessoas grandes foram um dia
crianças, mas poucos se lembram disso"*



FONTE: O Livro O Pequeno Príncipe, 2009

CARTA PARA O PEQUENO PRÍNCIPE: O FIM É O COMEÇO

Gandu, 08 de outubro de 2015.

Querido Pequeno Príncipe,

Desde pequena nutri por ti uma admiração e uma ternura que transcenderam os anos que passei a caminhar pela vida como uma andarilha procurando as estrelas. Não posso encerrar minha vida sem que antes escreva para ti. Quando eu era apenas uma menina me disseram que tu não mais existias, que morreria como forma de fugir desse mundo chamado Terra. Que a tua docilidade não cabia aqui. Não consegui enxergar dessa forma...

Hoje, escrevo-te não para questionar-te o porquê de ter partido, mas para parabenizar-te pela coragem em partir. Choro por diversas vezes quando releio tua história e chego ao momento de tua despedida. Todavia, entendo que era necessário que tivesses deixado para as pessoas grandes a lição do ir além das aparências. Descobri que tu me cativaste a tal ponto que hoje não olho mais o mundo sob o prisma da fragmentação do conhecimento. "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas".

Tu me ensinaste que o mundo é muito mais do que eu suponho. O mundo está em mim e eu pertencço a ele. Tornaste-me uma cidadã do mundo quando me mostrou que tu encontraste os pormenores da vida concreta e una, fracionada e diluída no mundo, a universalidade da tua significação enquanto ser humano.

Educar para a era planetária denota que se deve sempre indagar se nosso sistema educacional é capaz de nos educar para sermos cidadãos planetários, uma vez que esse mesmo sistema está pautado na separação dos conhecimentos, na fragmentação das disciplinas sem comunicação entre si. Aprendemos ao longo do tempo a analisar, a separar, no entanto, não aprendemos a relacionar, a fazer com que o conhecimento crie links e se permita tecer relações. Muito embora tenha sido educada e instruída numa miscelânea de concepções, métodos e pedagogias, encontro-me bem a vontade para me posicionar diante dessa era planetária.

Minha missão em educar também vem me ensinando essa lição. Meus alunos, ao longo desses 22 anos de sala de aula, são meu leme no barco da minha profissão docente. Vou relatar-te uma empiria que me lembra do quanto tuas reflexões são parecidas com o grande pensador contemporâneo, Edgar Morin.

Ensino numa instituição particular de renome no baixo sul da Bahia, Escola Durval Libânio da Silva, que aplica desde o início de 2000, um instrumento de aprendizagem significativa conhecido como Mapa Conceitual. É necessário que tu conheças um pouco de como ele surgiu e como veio parar na sala de aula.

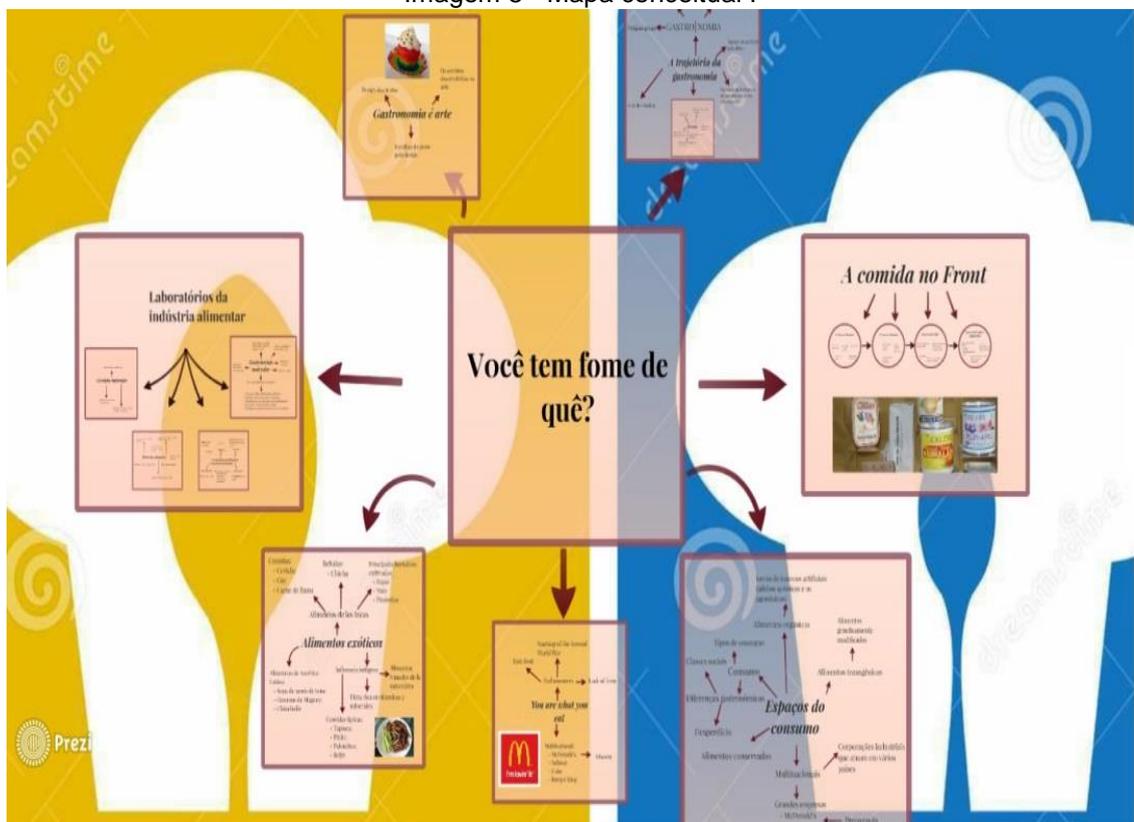
Essa ferramenta de aprendizagem foi proposta pelo pesquisador norte-americano Joseph Novack em meados do ano de 1970, partindo da psicologia da aprendizagem do psicólogo David Ausubel. A fundamentação teórica era de que a aprendizagem se dá através do processo de assimilação de novos conceitos e proposições dentro de conceitos que já existem e sistemas proposicionais já assimilados pelo aprendiz. O mapa conceitual tem como principal característica o que se conhece como proposição. A teoria da aprendizagem significativa, na qual os mapas conceituais se alicerçam, corrobora que o indivíduo fixe novos conteúdos quando estes são relacionados com algo que já se conhece, isto é, quando se altera as ideias preexistentes a partir de novas ideias, estabelecendo links ou conexões. Posto isso, ao articular mais que uma representação esquemática, mas a organização de relações entre os conceitos favorecem assim a aprendizagem

significativa e são de suma importância como instrumentos em sala de aula para o processo ensino-aprendizagem.

Existem inúmeros benefícios dos mapas conceituais, entretanto, o mais significativo é o de poder encadear conhecimentos em teia, relacionando conceitos que, num texto normal, por exemplo, ficariam remotos. O mapa conceitual casa-se muito bem com o conhecimento interdisciplinar e transdisciplinar proposto por Edgar Morin.

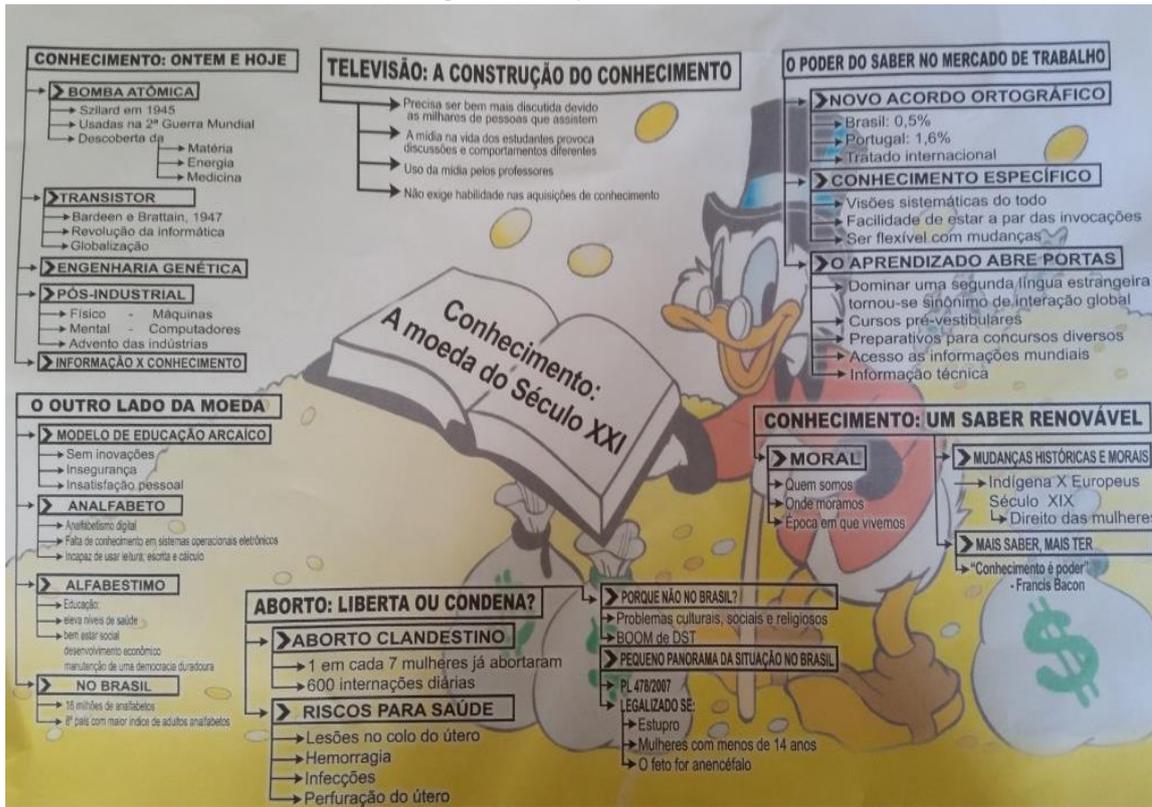
E foi assim, meu amiguinho, que introduzimos essa ferramenta em nossas salas de aula. A princípio, tivemos que lutar contra o pensamento fragmentado de nós mesmos: os professores. Não nos culpo, pois nossas formações acadêmicas foram engessadas no tradicionalismo do pensamento reducionista. Depois, tivemos que lutar contra o que tínhamos tornado nossos alunos: fragmentos de um ensino hermético. Mas, aos poucos, num processo endógeno começamos a educar nosso pensamento para a complexidade. E nossos alunos começaram a se libertar para a era planetária.

Imagem 5 - Mapa conceitual I



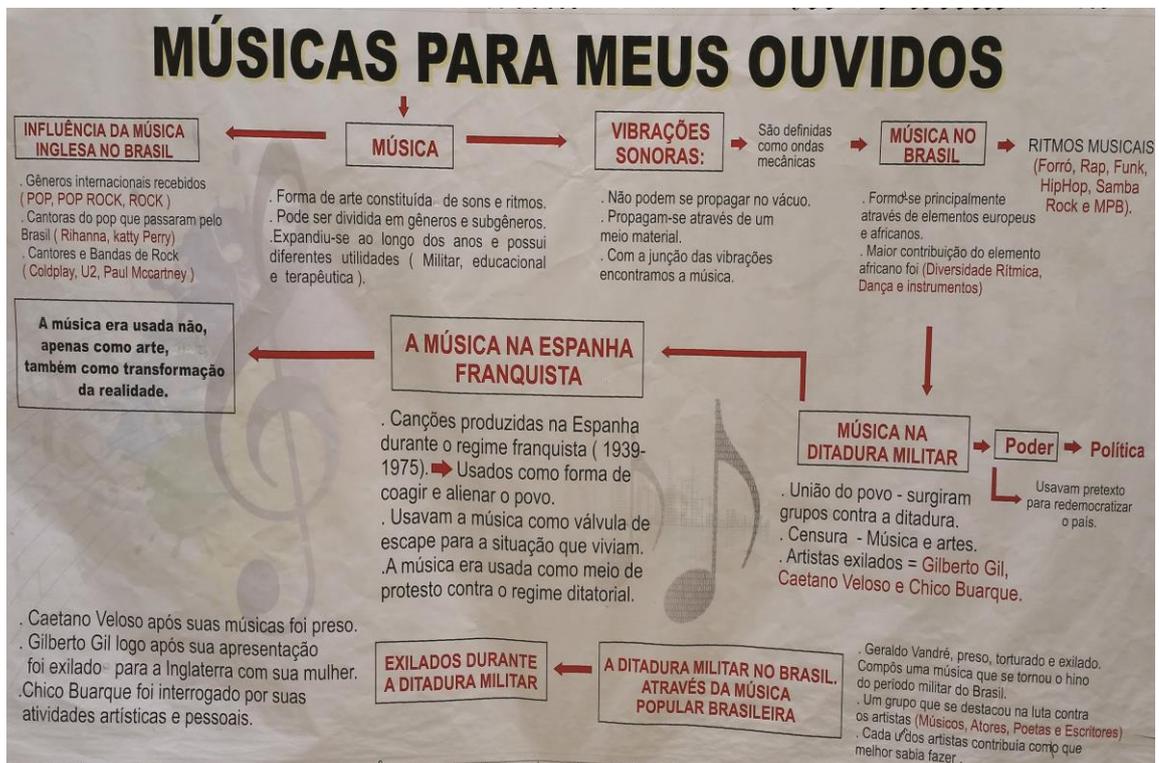
FONTE: Escola Durval Libânio da Silva – 9º ANO EFII

Imagem 6 - Mapa conceitual II



FONTE: Escola Durval Libânio da Silva – 8º ANO EFII

Imagem 7 – Mapa Conceitual III



FONTE: Escola Durval Libânio da Silva – 7º ANO EFII

Tudo está ligado, meu pequeno, não só na realidade humana como também na realidade planetária. O local é inseparável do global e o global influi sobre o local. Você provou isso. Seu pensamento sobre as pessoas grandes mostrou que se ensina conhecimento, mas nunca o que é esse conhecimento. Este contém erro e ilusões induzidos pela própria natureza. E o pior, não nos damos conta disso porque a percepção que nós temos do mundo exterior não é uma fotografia do mundo pelos nossos olhos; todo conhecimento é uma tradução, uma reconstrução.

No meio científico vemos certos dogmas se consolidarem e durarem anos e anos. Os paradigmas, por exemplo, são os princípios que organizam o conhecimento de forma inconsciente. Mesmo que nessa era lutemos contra a simplificação do conhecimento, ainda temos muito que fazer, pois o ensino ainda é dominado pela separação e redução a simples o que é complexo. Tal visão mutila o conhecimento.

O que fazer então, meu príncipezinho? Estamos caminhando para justamente acharmos o paradigma que domine o conhecimento na nossa civilização e na nossa sociedade e que nos permita diferenciar e ao mesmo tempo relacionar os saberes.

Tu entendeste muito bem o que é a era planetária! Mostraste que essa era é o momento em que todos os seres humanos se encontram unidos numa espécie de comunidade do destino cada vez maior. Ah, meu querido, se Morin conversasse contigo! Pois ele afirma que nessa era surge algo que é mais importante para o conhecimento: o que é o “ser humano”? O que é a identidade humana? O que é a condição humana?

Foram estes teus questionamentos que motivaram essa viagem. Percebeu meu pequeno, que nosso sistema de educação ignora tudo isso? Nós seres humanos não podemos nos separar da aventura do cosmos. Tu e Morin mostram isso. A aventura da vida deve ser transmutada na visão que se tem do humano. Não podemos nos ater a uma visão restrita de nós mesmos. A ciência levou em consideração apenas três concepções de homem, esquecendo-se que esse mesmo “*homo sapiens-faber-economicus*”, também é “*demens-poeticus-ludens*”. Entre nós circula além da razão, a afetividade, a poesia, o sentimento, o amor.

Acredito que se tu tivesse a oportunidade de conhecer esse grande pensador moderno, Edgar Morin, vislumbraria o quanto seus ensinamentos casam-se com o

que tu pensava quando fez tua viagem intergaláctica. Todas as relações estabelecidas sobre as pessoas grandes foram relações conceituais. Tu trouxeste para as pessoas grandes o aspecto poético da vida. As coisas prosaicas são importantes para se ter o sustento material, mas a qualidade de vida está na poesia, na comunhão, na fraternidade e no amor.

Viver poeticamente é ser capaz de exprimir nossa personalidade, nossas comunhões, nossas participações, nossas curiosidades, ou seja, de pensar a condição humana. Tanto o conhecimento abstrato quanto o conhecer a si mesmo é importante. No entanto, quase nunca se ensina o autoconhecimento nas escolas através da consciência e do conhecimento. Ensinar autonomia é ensinar a viver e a conhecer os problemas da vida. Esta lição iguala-se tanto em ti quanto em Edgar Morin.

Meu Pequeno Príncipe se tu tivesses tido a oportunidade de ler uma das belíssimas obras de Morin, “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, verias que tu és aquele ser receptivo, sensível, subjetivo, afetivo e que ao mesmo tempo revela-te racional ao identificar tuas insuficiências saindo em busca das respostas como bálsamos para tua alma. Edgar propõe isso. A educação precisa estar voltada para o SER de forma a desenvolver no humano sua percepção global.

Sabe, pequeno, a Literatura nos ensina a conhecer melhor o outro e a nós mesmos na qualidade poética da vida, pois fala de nossas esperanças, de nossas verdades profundas. “Conhece-te a ti mesmo”.

Pude perceber claramente tua inquietação diante dos planetinhas que visitastes. Aqueles pequenos seres que lá habitavam corroboram no que Morin afirma como seres incapazes de organizar o saber disperso. São espécies que foram conduzidas pela ciência à “atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar”. (MORIN, 2011, p. 39).

Contigo, meu querido, meu coração se agitou e ganhei esperanças de que estou no caminho do que Morin apregoa. O desenvolvimento do pensamento complexo ainda está começando em nossas salas de aula. Projetos como o Mapa Conceitual na escola que faço parte é prova disso. Mas é preciso, meu pequenino, fazer muito mais. A educação no Brasil ainda tem muito que caminhar. Tantas escolas que cerceiam o direito de pensar das crianças e reproduzem conteúdos dissociados de suas vivências e totalmente desconectados.

Tu, “pedacinho de gente”, abriste os meus olhos para a criança interior que está adormecida dentro de mim, e que ao olhar meus alunos, por vezes desperto desse sono e a trago à tona. Meu coração despertou diante da tua partida, pois sei que estás livre agora. Tu és cidadão do universo.

O conhecimento humano deve antes de tudo situar o ser na condição humana. Tu fizeste isso muito bem. Não te contentaste com os paradigmas da simplificação. Foste além. Voltaste para o encontro do teu amor: a rosa. E o fim que para mim pareceu triste é o recomeço de uma nova história. O Pequeno Príncipe em mim, nos docentes, nos alunos, na escola, na educação, no ser humano.

Estamos imersos num mundo que necessita urgentemente de compreensão porque temos povos, indivíduos, cujas culturas se diferenciam, cujas religiões se diferem e que estão em contato uns com os outros e devem colaborar mutuamente. Só conseguiremos progredir se educarmos a compreensão humana. Somos seres subjetivos e precisamos desenvolver a benevolência que nos permitirá compreender a nós e ao outro.

Não podemos ignorar que somos ao mesmo tempo seres pessoais e globais. Pessoal porque a única certeza que temos é que somos mortais. Todavia, não sabemos quando vamos morrer e não temos nenhuma certeza sobre o que vai ser nossa vida. Em resumo, nosso destino pessoal é estigmatizado pela incerteza. Nosso ensino não pode ignorar o problema da incerteza.

Tu e Edgar Morin me cativaram. Tornaram-se responsáveis por mim e eu me tornei eternamente responsável por defender as tuas ideias. Agradeço-te como a raposa agradeceu ao teu cativar. Permite-me agora contemplar as estrelas da janela do meu quarto para te encontrar em uma delas. E que fique aqui registrado que nesse mar de tantas certezas é a minha incerteza no porvir que me faz contemplar todos os dias a rosa, a raposa, o piloto, o pequeno príncipe que há em mim, que há em nós e ir à busca do pensamento complexo que me liberta, mesmo que eu nunca encontre a fonte final. O final é apenas um recomeço. Uma nova história.

Abraços fraternos!

Edily Azevêdo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Um itinerário do pensamento em Edgar Morin**. UESB. Disponível: <<http://www.uesb.br/labtece/artigos/Um%20itiner%C3%A1rio%20do%20pensamento%20de%20Edgar%20Morin.pdf>>. Acesso em 20 de maio de 2015.

_____. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.

_____. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010.

_____. **Cultura e pensamento complexo**. Natal: EDUFRN, 2007.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: _____ **Literatura Infantil: teoria-análise-didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORREA, Mônica Cristina. **De Saint-Exupéry a Zepjerri**. Zepjerri. Disponível em <<http://www.zepjerri.org/saint-exupery/saint-exupery-perfil/>>. Acesso em 21 de abril de 2015.

_____. **Vida e obra de Antoine de Saint-Exupéry**. Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0x8qVJc3_t0>. Acesso em 25 de Abril de 2015.

EDUCACAOEMDIA'S channel. **Roda Viva - Edgar Morin - Parte 1**. Youtube. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=gCA_SxVmMrk>. Acesso em 30 de maio de 2015.

_____. **Roda Viva - Edgar Morin - Parte 2**. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sKGMQunjCik>>. Acesso em 30 de maio de 2015.

_____. **Roda Viva - Edgar Morin - Parte 3**. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vlezsTp8c5k>>. Acesso em 30 de maio de 2015

_____. **Roda Viva - Edgar Morin - Parte 4**. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RP7a3avLI0U>>. Acesso em 30 de maio de 2015

ESTÉR, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Tradução de Waldea Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **Cartas Personales de Grandes Personalidades de La Historia Universal**. Programa de Radio Conducen Silvie Pirillo y Cristina Zuñinga – AM 1240. Letras Intimas. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=9VdqjGV8LHK>>. Acesso em 4 de abril de 2015.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **Cidadela**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. **Piloto de Guerra**. São Paulo: Via Leitura, 2015.

_____. **Terra dos Homens**. São Paulo: Via Leitura, 2015.

_____. **Voo Noturno**. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1973.

HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento; SOUZA, Samir Cristino de. **Transdisciplinaridade e complexidade: uma nova visão para a educação no século XXI**. Natal: Editora do CEFET – RN, 2005. Disponível em <<http://www.portal.ifrn.edu.br>>. Acesso em 27 de maio de 2015.

HOUAISS, Antonio; SALLES, Mário. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JUNG, Mathias. **O Pequeno Príncipe em nós** – uma jornada de descobertas com Saint-Exupéry. Campinas, SP: Verus, 2009.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Educação e complexidade: os sete saberes necessários e outros ensaios**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília. DF: UNESCO, 2011.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.

NAOE, Aline. **Uso de Mapas Conceituais favorecem aprendizagem e processos colaborativos**. USP. Disponível em: <<http://www5.usp.br/40901/mapas-conceituais-organizam-conhecimento-e-favorecem-aprendizagem>>. Acesso em 19 de setembro de 2015.

WEBSTER, Paul. **Biografia – Antoine de Saint-Exupéry** – vida e morte do principzinho. São Paulo: Vogais, 2012.

ZELLER, Rennée. **A Vida Secreta de Antoine de Saint-Exupéry** – a Parábola do Pequeno Príncipe. São Paulo: Madras, 2006.